

RB 1985 72



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**





VIAGEM EXTÁTICA

AO

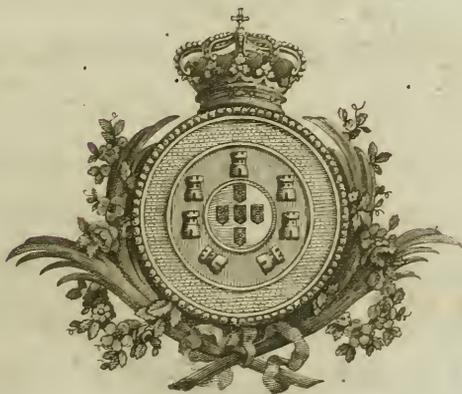
TEMPLO DA SABEDORIA

POEMA

EM QUATRO CANTOS

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

1830.

*Com Licença.*

*Non enim res gestæ versibus comprehendendæ sunt; id enim longe melius Historici faciunt; sed per ambages Deorumque ministeria præcipitandus est liber spiritus, ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ Orationis sub testibus fides.*

PETRONIO ARBITRO.

## A D V E R T E N C I A .

SINTO apagar-se-me a luz da existencia, e no momento de se extinguir he natural que derrame hum maior clarão; assim considero o presente Poema dé hum genero inteiramente novo: reuni todas as minhas forças, quaes podião ser as de huma idade decadente, e até as do momento do sol-posto da vida, e as de huma imaginação fatigada com tantos, e tão variados Escriptos, quaes são os que tenho publicado até agora, e que bastavão para fazer conhecer á Posteridade que eu existíra no Mundo. He alguma cousa o Poema = A Meditação; = he alguma cousa mais o Poema Epico = O Oriente, = ao menos provarão que eu procurei dar ao talento da Poesia hum emprego digno da sua grandeza, elevação, e magestade; porque esta Arte, verdadeiramente Divina, nunca deve ser baixamente empregada. Não me satisfazião ou contentavão ainda estes penosos trabalhos; recolhi quanto pude o fugitivo alento, e quiz sujeitar a numeros cadentes, ou Eloquencia harmoniosa, que esta he a definição da Poesia, o deposito de conhecimentos, que por tão largos annos de estudos tinha adquirido na vasta, e nunca acabada carreira das Sciencias.

A Ficção, mas verosimil, he mui propria da Poesia, e da grande Poesia; nella não he admissivel aquella or-

dem, e encadeamento de cousas, que os Historiadores seguem, quando nos offerecem o Quadro dos humanos acontecimentos. O fogo, que escalda a alma de hum Poeta, não he a regoa, e o compasso, que dirige a penna do Historiador; e quando eu dou o titulo ao Poema, e lhe chamo = *Viagem Extatica* = dou a conhecer que he hum arrebatamento, hum excesso mental, e hum sublime delirio, cuja linguagem, e cuja expressão são as imagens, levantando sobre hum fundamento verdadeiro, qual he a existencia de tantos homens distinctissimos na humana Sabedoria, hum edificio fantastico, qual he hum Templo consagrado pelas mãos da Immortalidade á mesma personalisada Sabedoria.

E poderei acaso dizer deste Poema o mesmo que com verdade se pode affirmar do Poema a *Meditação*, e do *Oriente* : *Proles sine matre creata?* Sim; porque nenhum Exemplar tive diante dos olhos. O *Itinerario extatico* do Jesuita *Kirker* não he o Templo da Sabedoria; a *Viagem ao Mundo de Descartes* não he o Templo da Sabedoria; menos o he a *Pluralidade dos Mundos*, engenhosa ficção de Bernardo de Fontenelle; o *Templo da Memoria* de *Manoel de Galhegos* nenhuma relação tem com o *Templo da Sabedoria*, mais do que a identidade do nome = *Templo*. = Eu colloco neste Alcaçar os primeiros d'entre os homens, que desde a origem das Sciencias, pela contemplação da Natureza, até estes ultimos tempos mais se distinguirão, não ficando o Poema huma simples nomenclatura, ou catalogo esteril, mas como hum Arse-

nal dos conhecimentos humanos; e para se saber o que cada hum delles fez, he preciso ter lido alguma cousa do que elles escrevèrão; porque ainda que os Diccionarios digão o que he, não dizem como he.

Ardua, e difficil composição! Como he possivel vestir com as roupas da Poesia materias tão aridas, e tão graves? *Et angustis his addere rebus honorem?* Hum Poema não he a Historia das Sciencias, nem he o Quadro da Literatura. Vencer esta difficuldade he comprovar plenamente hum grande esforço de engenho, ou hum desmedido excesso de trabalho; delle ajuizará a imparcial Posteridade, e talvez confesse, que este Poema suspendeò por algum tempo mais o precipicio da Poesia Portugueza do presente seculo no abysmo da irrisão, e do desprezo.

Nunca se tratou neste Reino da sua Historia Literaria das Idades da nossa Lingua, e muito menos da Historia, e vicissitudes da sua Poesia. Se até agora se não tem lançado mão deste tão proficuo, e necessario trabalho, e que tanto nos faria conhecer entre as Nações cultas, e civilisadas da Europa, menos se darão agora a elle nestes dias da invasão do Liberalismo, ou mais depressa do Vandalismo, em que não só se deprimio tanto o character dos Portuguezes; mas se amorteceò de todo o sagrado fogo do amor, e da cultura das boas Artes, por que tanto nos ennobrecemos, e affamámos naquelles seculos, chamados pela fatuidade deste, barbaros, e servís. Por este Quadro historico veriamos, que quanto nos fazia grandes nas Artes liberaes, e nas Sciencias, tem chegado

ao extremo ponto da declinação. Limito-me unicamente á Poesia, de que agora trato. Ao impulso natural dos Portuguezes para esta Arte tão difficultosa, e tão profanada se ajuntárão as circumstancias, que podião fazer desenvolver maravilhosamente este genio, ou este talento. Certo espirito cavalleiresco nas continuadas lides com os Sarraenos, hum certo amor heroico, e delicado ao fragil sexo, modelado sobre as idéas do Platonismo, e alimentado pela suavidade, e doçura do Clima, e que tão manifesta influencia têm nas afeições da alma, e sentimentos do coração, de que nascião aquelles descantes honestos, dados no relento da noite debaixo dos balcões, não digo das amantes, mas das idolatradas; aquelles saráos extremos, a que presidia não só a gravidade, mas a magestade; aquellas Justas, Cañas, e Torneyos, em que nas côres dos vestidos, e dos diversos adornos dos Elmos, e dos Pavezes se davão a conhecer diversas tenções, que fallavão aos olhos das amadas; porque se huma vestia de leonado, e esta era a côr do donaire, e do guarda-pé, tambem esta era a côr dos listões, ou fitas, que fluctuavão no conto da lança, que brandia o Cavalleiro, que a cortejava; isto abrazava as almas no fogo da Poesia, e daqui nascêrão tantas, e tão suaves Canções, e tão namoradas Trovas, como as do magoado Chrisfal, ou Christovão Falcão, que de sentido se retirou da Ribeira do Niza para as Ribeiras do Ganges: daqui nascêrão as *Saudades*, e gemidos de *Bernardim Ribeiro* naquelle Romance da *Menina e Moça*, que outra sorte, e outra esti-

ma devia ter entre os Portuguezes, por ser o primeiro, que em tal genero apparecêo na Europa; e depois d'elle a *Diana de Jorge de Monte-mór*, tão acima da Astréa do velho Francez *D'Urfé*.

Depois desta circumstancia impulsiva, que tão Poetas fez os antigos Portuguezes, houve outra que ainda lhes ateou mais este divino fogo. A passagem do Mar, a conquista de Ceuta, a tomada, e a entrada de tantas Fortalezas na Mauritania Tingitana, os continuos, e sanguinosos recontros com os Ismaelitas, e os Troféos do valor alli ganhados, que hum ou outro ainda conservado titulo nos faz conhecer; e depois deste memorando feito, as longas navegações por todos os mares, o conhecimento, e a conquista de tantas Nações, e tão diversos Povos, a luta continua com Elementos, as sanguinosas batalhas no Mar, e na Terra, os tufões medonhos, as tempestades espantosas, os naufragios miserandos, as victorias estrepitosas, e mais que as de Alexandre (a quem fizeram maior as paginas de Quinto Curcio, e os pinceis de *Le-Brum*), os prodigios da Natureza observados nas montanhas além das nuvens, e em Rios de oitenta legoas de foz, as viagens, e irrupções em tão remotos climas, chegando a armar Cavalleiros no mais alto cume do Monte Sinay, fizeram os Portuguezes de hum character verdadeiramente Epico: então apparecêo o *Cerco de Diu* por *Francisco de Andrade*, as *Lusiadas* de *Luiz de Camões*, a *Malaca Conquistada* de *Francisco de Sá de Menezes*, o *Naufragio de Sepulveda* de *Jeronymo Cortereal*; e então to-

dos aquelles Poetas, nenhum mediocre em seu genero, porque he grande *Antonio Ferreira*, grande *Diogo Bernardes*, grande, e perfeitissimo *Fernão Alvares do Oriente*, e delicadissimo *Francisco Rodrigues Lobo*. Com estes nomes ainda nos sustentámos, e acreditámos; mas que fatalidade! Quando entrou em eclipse a gloria da Nação, passando a dominio estranho, tambem entrou, para nunca mais emergir, o Astro brilhantissimo da sua Poesia. Cahio tudo a impulso da corrupção estranha nesta divina Arte. Periodo funesto, em que se contão mais Poetas, e os peores Poetas pela depravação, e contaminação do gosto. Quanto foi apparecendo na classe dos Epicos he péssimo. Já he o seiscentismo antes do seiscentismo. São intoleraveis (no todo) o *Machabeo* de *Miguel da Silveira*, o *Alfonso* de *Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos* (susteve-se neste tempo *Vasco Mouzinho de Quevedo* no *Affonso Africano*), o *Virginidos* de *Barbuda*, o *Viriato Tragico* de *Braz Garcia Mascarenhas*, a *Hespanha Libertada* de *D. Bernarda Ferreira de Lacerda*, etc. Algum alento tem de vida neste desgraçado periodo *Paulo Gonçalves de Andrade*, e eu não sei que torpô dêo no mesmo *Francisco Rodrigues Lobo* no seu *Condestabre*, porque hum homem tão valente não merecia Versos tão frôxos. Tudo cahio em inanição, e não sei como escapárão deste contagio de pulmonia *Gabriel Pereira de Castro*, e *Antonio de Sousa de Macedo* no seu *Ulyssipo*, que a rivalidade fez apparecer, mas não igualou a Ulysssea! Digamos que por cento e cincoenta annos a Poe-

sia Portugueza não foi Poesia, foi delirio, ou foi vergonha. Fallão os Documentos ainda existentes, e são hum aresto, que prova até que ponto pode debilitar-se, e corromper-se o espirito humano. *João Baptista Marini*, Italiano, corrompeo *Luiz de Gongora*, Casteliano; e como da peste de hum individuo pode nascer a peste de hum Reino inteiro, com os Filippes, que nos tirarão a independencia, fazendo Provincia do que era Reino, *Luiz de Gongora* nos tirou da liberdade da natureza em Poesia, e nos entregou ao imperio dos trocadilhos, e dos conceitos: o gordo volume da *Filis*, e *Demofonte* de *Antonio da Fonceca Soares*, isto he, do Veneravel *Frei Antonio das Chagas*, nos estragou o gosto, estrago que ainda ha poucos annos se conservava *n'alma triste do Pina*. Ajuntem-se as Collecções da *Feniz Renascida*, da *Academia dos Singulares*, da *Academia dos Anonimos*; ajunte-se-lhe a *Henriqueida* de *D. Francisco Xavier de Menezes*, Conde da Ericeira, que apparecêo no meio do diluvio de Versos em grossos volumes á morte da Infanta *D. Francisca*, e nos farão rebentar lagrimas de dôr, ou huma grande estalada de riso á vista de tanto desproposito, e de tanto vilipendio da humana razão, tanto mais para lamentar, quanto mais perto estavam da vista dos Portuguezes os seus magnificos, e originaes Exemplares, galleria que se fechou com o *Ulyssipo* de *Antonio de Sousa de Macedo*.

A leitura, e estudo dos antigos Italianos fez os nossos antigos Poetas; por certo *Luiz de Camões* lia as Ri-

mas de *Petrarcha*, e o *Amadiz* de *Bernardo Tasso*, Pai do grande *Torcato*. Da mesma sorte a leitura, e o estudo dos bons Poetas Italianos modernos, isto he, dos que apparecêrão ao começar do seculo 18.<sup>o</sup>, despertou o amortecido fogo do genio de alguns Portuguezes, e virão no claro espelho das producções Italianas qual era o charco, em que vivião atolados; lembrárão-se dos nossos bons antigos, e lhes seguirão o estilo; elles procurarão réproduzir a linguagem; dos Italianos tomárão as formulas. Com a efémera Arcadia (porque logo morreo na sua juventude) raiou a primeira aurora do bom gosto. As Odes Pindaricas do admiravel *Gabriel Chiabrera*, e de *Filicaia*, e de *Alexandre Guidi* são os moldes; em que se vasárão as de *Antonio Diniz*, que posto sejam tão monótonas, que quem lêr huma tem lido todas, mostram ao menos, que começámos a sahir do segundo, e mais central eclipse. No genero Lyrico, e Bucolico muitas Composições apparecêrão, que com sobeja razão se apoderárão da Posteridade. *Pedro Antonio Corrêa Garção*, e *Domingos dos Reis Quita*, e *Frei José Durão* com o seu *Caramurú*, a quem só falta a antiguidade para se réputarem grandes, começarão a sustentar a magestade, e a gloria da Poesia Portugueza. Eu conheci estes tres homens, e com o terceiro tratei de mui perto. Desde a morte destes homens começou a apparecer outra vez aos solavancos a Poesia. Morrêo apenas nascida a *Joanneida* de *Corrêa de Mello*; e o Poema chamado *O Terremotõ de 1755* he huma tontice da decrepitude do seu Auctor, e huma prova de quanto pode a me-

tromania. Não fallo nas traducções; que tem apparecido, e com que muitos homens, reputados grandes; quizerão mostrar ao Mundo, que nelle existião; porque não ha cousa mais ociosa que más Copias de soberbos Originaes: Ministros de Estado, cujos nomes serão immortaes nos fastos da Diplomacia Europea, e Brasilica, *Barca*, *Aguiar*, *Targini*, o *maximo* Financeiro do seculo 19.º, renunciando a gloria de arbitros dos Negocios do novo, e do antigo Continente, quizerão antes parecer Auctores, Traductores, e Copiadores de huma Elegia de *Gravi*, e os dous de hum retalho de *Pope*; com que lhes pareceo occupar as primeiras Sédes do Monte-bipartido; e com isto nos colheo a calamidade espantosa do liberalismo em 1820. Ao apparecimento desta nova Era as Sciencias, e todas as Artes de imitação, mettidas na sepultura do embrutecimento, cedêrão o grande campo das Letras Divinas, e humanas á unica intelligencia, ao unico estudo (como os Musulmanos com o Alcorão) do Codigo peregrino, embutido tambem, como o Alcorão, a ferro, a fogo, a exterminio, e a morte. A Sciencia do homem he a sciencia do Codigo, onde está o poder quadri-partido, sobrenatural inspiração, a que em nenhum seculo chegou, nem jámais chegará o entendimento humano!

A obstupefacção, que se apoderou dos homens á vista desta maravilha, lhes seccou, empedernio, e esterilizou a alma. Nós os Portuguezes fomos os máis tocados deste estupor: nós o experimentámos; nunca mais appareceo hum monumento devido á Arte da Poesia; parali-

sou-se esta nobre impulsão da Natureza; mas involvido eu tambem neste universal silencio, quiz dar, ou devia dar o ultimo arranco: foi o presente Poema, de longo tempo disposto, e preparado: a sua publicação he a ultima verba do meu Literario Testamento. Existem ainda entre tantas ruinas alguns homens illustrados, a quem não são desconhecidos os thesouros das Sciencias, e da Eru-dição, e para os quaes as Letras não são hum delicto; para estes o público. Talvez que não digão o que *Pro-percio* disse vendo publicada a Eneida de Virgilio: *Cedite Romani Scriptores, cedite Graii; nescio quid maius nascitur Iliade*; mas por certo dirão, que não tem Portu-gal outro semelhante, nem pela forma, nem pela materia, e talvez se não encontre entre as Nações estranhas, onde não he muito vulgar o enlace da Poesia com a Filosofia. Por certo dirão, que he de hum genero novo, e não en-contrado, nem na Poesia Romantica dos Alemães, nem na Descriptiva dos Francezes, nem na Erotica dos Ita-lianos. Os petrificados Regeneradores Politicos, ou sub-versores dos Povos olharão para o trabalho de tantos co-nhecimentos com aquella fria indifferença, com que os salteadores costumão olhar para hum cadaver, quando o despem, e despojam; ou com aquelle sorriso maligno, com que contemplão as ruinas de huma Nação por elles rege-nerada, e roubada; mas eu tanto os desprezo em Letras, como os tenho desprezado na Politica. Costumão os Es-criptores appellar para o juizo imparcial da Posteridade, quando se verifica o texto: *Pascitur in vivis Livor, post*

*fata quiescit.* Parece-me que este Tribunal desaparecêo da terra; porque a Posteridade, segundo o estado, em que nos poz o Liberalismo, será como a presente Idade, porque o infausto rio, que já corre, quanto mais correr mais se engrossará. Acabo com esta advertencia, dizendo que fui Frade, e como este Estado, até depois de se não ter, priva o homem do direito da sua ultima vontade, ao menos deixem-me as Leis dizer, que deixo, e por isto deixo o meu corpo áquelle lugar da terra, em que o quizerem enterrar, o meu nome ao esquecimento, e o que tenho escripto ao escarmento dos homens, para não escreverem, nem receberem a recompensa, que eu tenho recebido; e ainda bem; porque nada deixo, e nada levo, que tenha de agradecer.

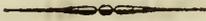


# VIAGEM EXTÁTICA

A O

## TEMPLO DA SABEDORIA.

### CANTO PRIMEIRO.



**D**E estrellas recamada a noite umbrosa  
 Cedia o campo azul do immenso espaço  
 A' doce luz da matutina Aurora,  
 De seu rosto purpureo, e mãos de neve,  
 Como brilhantes perolas, cahião  
 Do fresco orvalho transparentes gotas  
 Sobre os risonhos prados, que parece  
 Darem maior realce ao verde esmalte,  
 Com que opulenta Natureza os veste.  
 Já de escarlata, e d'ouro ondas immensas  
 Nos Ceos Orientaes se diffundião:  
 Os rorejantes Zefiros co'as azas  
 Davão ligeiro movimento ás folhas  
 Das verdejantes arvores copadas;  
 E do meigo Favonio ao doce assopro  
 Do brando somno as Flores despertavão,  
 Offercendo á sussurrante Abelha  
 No calice mimoso o nectar puro.

Quasi o limbo do disco auri-splendente  
No purpureo Horisonte apparecia.  
Co'a primeira effusão da luz serena  
Já da nocturna sombra o Mundo emerge,  
E aos olhos dos mortaes se mostra o Mundo.  
A vaga turba aligera acordando  
Nos hymnos matinaes tributos dava  
Dos Ceos, e Terra ao Arbitro Supremo,  
A cujo eterno aceno a Natureza  
Tem leis, tem ordem, movimento, e vida.

A' desgraça esquecido, e aligeirado,  
De hum cuidado voraz o pezo immenso  
Do mago somno o balsamo gostoso  
Os trabalhados membros me prendia,  
Dando á minha alma momentanea tregoa  
A herança minha, lugubre amargura;  
Nesta pausa da rapida existencia,  
Em que a dôr se não sente, o mal se ignora,  
Eu sinto arrebatár-me, e como, e aonde,  
Eu não sei declarar.... Subi nas azas  
De sobre humanos extasis, que soltão  
Das corporeas prisões a alma elevada,  
Além da habitação terrena, e triste.  
Sonho, sonho não foi, que mil confusas  
Na fantasia imagens atropella:  
Extasis foi somente, e conduzido  
De hum Genio habitador do excelso Olympo  
(Eu a meu lado o vi), que me franquêa

Ferrolhados umbraes de eterno arcano,  
E n'hum centro de luz me amostra o Quadro  
Da varia Natureza, e sempre a mesma.  
Do grande Scipião dest'arte á vista  
Os immortaes Alcáceres se abrirão.  
Do centro escuro das espessas nuvens,  
Que aos frageis olhos dos mortaes escondem  
Os Quadros do Futuro, a voz escuta  
De hum Divinal Oraculo, que a estrada  
Lhe marca da Virtude, e que lhe mostra  
Os Fados, que hão de ter Carthago, e Roma.  
Já pizo o aéreo Cume, e Luz immensa  
Já se diffunde, e se m'espalha em torno.  
Como do meio do profundo Oceano  
Costuma alçar-se escolho alto, e fragoso,  
Que vê na eterna base espedaçar-se  
Com furia inutil resonante vága;  
Se olha de cima as nuvens voadoras,  
Que em sonoros chuveiros se desatão,  
E se escuta o fragor de accesos raios,  
Serenos, immovel permanece; apenas  
A densa escuridão lhe cinge as faldas,  
E muge apenas pela base o vento.  
Tal extatico subo, e tal me elevo  
Onde não chega fluctuando a nuvem.  
Hum mais puro ambiente, e luz mais viva  
Bebo em torrentes, descobrindo, incerto  
Grossa sombra pousar na Terra inerte,

Que nas remotas solidões aéreas  
Gira sem propria luz, Planeta inglorio.  
No regaço da paz serena, e doce  
Se me antólha voar no espaço ignoto,  
Entre sublimes extasis bradando:  
Não he este, não he terreno alvergue  
Do Ente pensador mesquinha estancia.  
Eu vejo hum Ceo mais puro, e vejo eterna  
Mais doce Primavera, e mais viçosa,  
Mais recedentes, variadas flores,  
Deliciosa sombra, amenos bosques,  
Onde habita o prazer, onde o susurro  
De equilibrado Zefiro suave  
Socego, e paz inspira, e a mente eleva  
Do Poeta, e Filosofo á sublime  
Contemplação de maravilhas tantas,  
Que no Quadro do Mundo ostenta, e mostra  
Seu Soberano Auctor. Correm perennes  
De outras fontes caudáes serenas aguas.  
Não são écos do trovão ruidoso;  
O ar he sempre puro, o Ceo tranquillo;  
He sempre claro o dia, he doce a noite.  
Nunca prodigios tâes, nunca taes scenas  
Pòde aos olhos mostrar Terraqueo Globo!  
Sem véos aqui descubro, aqui contemplo  
Essa impalpavel, fluida substancia,  
Que esta terrena habitação circunda,  
Que tanto se dilata, e tanto estende,

Que foge sempre ao calculo seu termo.  
Fluctuão nella as nuvens vagabundas,  
Nella se acolhem turbidos vapores,  
E mil varios fenomenos se mostram:  
O horrisono trovão, raio espantoso,  
Vivos listões da Boreal Aurora,  
O estandarte da Paz, que hum Deos desprega  
Na espessa nuvem, que orvalhosa pára,  
Segurando aos mortaes, que nunca a Terra  
Submersa ficará nas turvas ondas  
De hum mar universal, onde aboiára  
O lenho guardador da especie humana.  
No seio, e superficie inda descubro  
Sinaes eternos do funesto abalo,  
Na face irregular do Globo os vejo.  
Oh! da Divina mão alto infinito  
Poder sempre sentido! Se atmosfera  
Não refrangesse em si do Sol os raios,  
Não se virão brilhar n'azul campina  
N'huma distancia indifinita os Astros!  
Nem o doce crepusculo se vira,  
Ou quando o claro Sol no mar se atufa,  
Nem todo he dia, nem he noite o Mundo,  
Entre purpura, e sombra a vista incerta!  
Ou quando pelo rubido Oriente  
Hum dourado Listão se observa apenas,  
Nuncio do Sol, que fulgurante assoma  
Poucos momentos se demora, á vista,

Rompe o Astro nos Ceos da Luz origem,  
O portentoso pélago de fogo,  
Que accende, e reproduz do Eterno a dextra,  
Centro fixo, e commum de Globos vastos,  
Gravitação reciproca lhes basta;  
He esta a simples lei, que promulgára,  
Quando o ser lhes quiz dar, Motor eterno.

A Lua já descubro, e vejo os mares,  
Os caudalosos, e perennes rios,  
Que parecem da Terra obscuras manchas,  
Quando o mortal de lá seus olhos fita  
No formoso espectaculo da noite,  
E essa azulada abobada contempla,  
Que milhões, e milhões d'Estrellas bordão.  
Ilhas descubro, altissimas montanhas,  
De cuja aérea frente se derrama  
A luz reflexa, que na Terra bate;  
Luz, que lhe envia, e lhe diffunde o Astro,  
Que no centro do circulo pasmoso  
O Systema Solar se diz, e chama.  
Seu moto desigual vejo, e contemplo,  
Donde procede o variado aspecto,  
Com que sempre nos Ceos se mostra aos olhos,  
No eixo obliquo de seu giro errante,  
Do pensador Astrónomo tormento,  
Pois jámais a seus calculos se ajusta.

Do Systema Solar como aberrantes,  
Em torno d'outro centro, eu vejo a tôrva

Ignea face de excentricos Cometas,  
Tardios em mostrar-se, infaustos sempre  
Ao vulgo indouto, aos pallidos Tyrannos,  
Em cujas mãos vacilla o Sceptro, e nunca  
Fixo na frente o Diadéma existe:

Astros são, mas incognitos na marcha;  
Tem differente impulso, e leis diversas;  
Talvez futuros seculos as mostrem,  
E se espantem talvez tardios netos  
De nos ser escondido inda o mysterio  
Da portentosa machina do Mundo.

Quantas contemplo lucidas Estrellas!  
Tantos Astros centraes! Ah! quantos Mundos  
Nos descobrem da Noite os véos augustos  
Por aquella extensão vasta, infinita,  
Que até da Fantasia as azas cança!  
Ao Vate impõe silencio! Hum Deos he Tudo!  
O escrutador da Magestade eterna  
Da sua mesma gloria oppresso fica!  
Da Creação no Quadro immenso, e vario  
Eu só prodigios, e milagres vejo.

Qual o que sobe do Apenino ao cume,  
Que vai nos ares topetar co'as nuvens,  
E pelo immenso plano alonga os olhos,  
Onde outr'ora s'ergueo Latino Imperio,  
Grandes Cidades vê, campinas ferteis,  
E os restos immortaes do fasto, e gloria,  
Que inda em quebrados marmóres avulta,

Vê longos rios fecundando a terra ,  
E no Tirreno mar, d'Adria nas ondas  
Altas Náos vê rasgando o dorso a Thetis,  
Depois que ávida vista em scenas tantas  
Hum pouco apascentou, turvado, absorto  
Dentro em si mesmo se concentra, e fica  
Altas idéas revolvendo, quantas,  
Da Natureza, e da Fortuna os trances  
A seus olhos attonitos descobrem ;  
Taes eu na Terra, e Ceos, nos Mares vejo  
Os continuos fenomenos pasmosos  
Da complicada machina do Mundo.  
Do Mar vejo surgir, sobindo aos ares,  
Pelos raios do Sol como attrahidas  
As humidas particulas dispersas,  
Mais ligeiras, que o ar, nelle fluctuão.  
Dellas a vida tem, dellas procedem  
As nuvens densas, nevoas importunas,  
Que a varia reflexão dos igneos raios,  
Que nellas se refrangem, me offerece  
Hum quadro encantador, que só podéra  
Traçar da Natureza a mão somente,  
Que a força sobrepuja, o vôo excede,  
Do que pode o Pintor, ou pode o Vate.  
Nos rarefeitos ares eu descubro  
Do vago vento a origem não sabida,  
Arcano sempre aos seculos incognito.  
Celestes dous do paternal desvelo

Da bemfazeja eterna Providencia.  
Na limpida campina do Oceano,  
Levão de hum Polo a outro ousados Pinhos  
Muitas vezes o bem, e o mal mais vezes.  
Se em perfeito equilibrio os ares pousão,  
Não brame o vento, não, mas quem perturba  
Esta serena paz, calma suave?  
Quem rouba ao ar pacifico equilibrio?  
Pode hum Vate romper tão densas sombras!  
Nellas s'involve a Natureza, e nellas  
A sua augusta magestade esconde.  
Talvez, talvez que exhalções, que rompem  
Do terreo Globo, e furnas tenebrosas,  
Talvez, talvez que a rotação diurna  
Da mesma Terra nos seus eixos seja  
Deste mysterio incognito o principio.

Já com elles se agitação, se misturão  
As espalhadas nuvens fluctuantes;  
Do frio agudo comprimidas tornão  
A seu berço terreno, e primitivo,  
Em chuva salutar desfeitas descem;  
Mas se o frio he maior, candidos véllos  
Conduzidos do vento os campos cobrem,  
Quando o Inverno desprega inertes azas,  
Com triste escuridão tapando os ares;  
Ou com miudas gotas condensadas,  
Nas ondeantes mésses esparsidas,  
Ao desvelado Lavrador conduzem,

Depois de longo affan, tristeza, e pranto.

Repentino relampago me assusta,  
Ouço horrendo trovão, vejo espantoso  
Trilho abrazado do sulfureo raio,  
Arma nas mãos do Eterno, arma espantosa,  
Que sempre aterra o máo, e humilha o justo.  
Onde se forja, e se prepara a seta,  
Que tão rapida vem, que as nuvens rasga!  
Grosso vapor subindo eu vejo aos ares  
De enxôfre, e nitro, alcalicos diversos,  
Que o Sol ardente attrahe, e o vento os leva;  
Com violento impulso então fermentão,  
Prestes se accendem, subito nos mandão  
Essa pállida luz, sempre seguida  
D'alto fragor, que estremecer nos eixos  
Faz a terrestre machina, descendo  
A chamma rapidissima, que abate  
Quanto encontra na subita carreira;  
Em rapidez excede a ardente bala,  
Que do bronzeo canhão troando rompe.

A massa do vapor de aspecto muda,  
Nem sempre he raio estrepitoso, vejo  
As agudas Pyramides, as Traves,  
O flammejante Drago, e em noite estiva  
As que parecem lucidas estrellas,  
Que vão deixando luminosos sulcos.  
Esse usado a brilhar no algente Pólo,  
Sem activo calor, brilhante fogo

Que hum resto he só maravilhoso, e bello  
Dessas da luz undulações pasmosas,  
Que detidas do ar no bojo immenso  
Formão brilhantes Boreas Auroras.  
Ao rúbido horisonte em parallela  
Linha se mostrão, se mais baixas correm,  
Ou n'hum centro commum s'unem subindo;  
Mas exhaladas as porções sulfureas  
Pouco a pouco do ar desapparecem,  
Deixando apenas ao gelado Norte  
Momentaneo crepusculo brilhante.

Se d'outro lado absorto os olhos volvo,  
De multi-forme côr descubro a Nuncia  
De aurea, serena paz, Iris formosa.  
A doce reflexão de accezas luzes,  
Unida á refração sobre as miudas  
Da fria chuva gotas transparentes,  
A sépti-forme côr promptas lhe imprimem.

Em scenas taes detenho o pensamento;  
Em scenas taes, extaticos meus olhos,  
Em augusto silencio absorto eu fico.  
Eu só do fundo de meu peito exhalo,  
Não os ais d'afflicção, de assombro o grito!

Descubro em tudo hum Deos! Do cego Acaso  
Não podião ser obra os Ceos, e a Terra!  
De Omnipotente Artifice só forão,  
Eterna Intelligencia, Eterna Força!  
A cuja voz sahio do Nada o Mundo,

A cuja voz o Mundo ao Nada torna.  
Nesta estendida cúpula azulada  
Vejo dispersos, e rotantes Mundos,  
Vejo o Sol, vejo a Lua, o dia, a sombra,  
Constante alternativa! A Luz, os Ares  
São cifras, em que escreve a mão suprema  
De hum Ente Summo, Sapiente, Immenso.  
Na flor, na planta, no mimoso fructo,  
No que s'esconde, insecto pequenino,  
Que se não mostra aos olhos desarmados,  
E só com Lente aumentadora observo  
Como impalpavel átomo mover-se.  
Nos varios animaes, nos rostos varios,  
Eu nas côres, nos sons, eu n'alma o vejo  
Almo thesouro de Clemencia Eterna.  
Ella enriquece a Terra, e a vejo em tantas  
Tão varias producções na especie eternas;  
E do profundo mar no escuro abysmo,  
No giro deste Globo, e Ceos immensos;  
Na formosura do visivel Quadro,  
Que a mesma Terra, e Ceo me amostra aos olhos;  
E no inconstante mar, que absorto admiro,  
Se da estancia tranquilla, em que medito,  
Suspensio hum pouco a elle a vista espalho.  
Na invariavel Lei, por que se movem  
Pelas prescriptas orbitas os Astros:  
Em toda a parte encontro, observo em tudo,  
De huma Infinita Sapiencia a marcha.

Tudo, tudo me diz que hum Deos existe,  
Que he sempiterno Rei de Imperio Eterno.  
A' Luz ordena que mêm aclare, e manda  
Ao Ar, que me sustente, e a vida aspiro.  
Elle o calor produz, que o vital germe  
Em successivas gerações conserva.  
Elle o dia formou, nelle ao trabalho  
O mesmo Rei da criação destina,  
Elle a noite produz, com ella em sombras  
Da fria Terra a machina sepulta,  
Em que o corpo mortal restaure a força,  
Com que ao surgir d'Aurora matutina  
A seu cuidado torne, e a seu trabalho.

Porque discorro, existo; eu sinto dentro  
De mim, que penso, sensações diversas.  
Quando incorporeo ser d'alma contemplo,  
Do Supremo Motor vejo huma imagem;  
E não direi, que me sustenta, e rege  
Este Ser Immortal, Sabio, Infinito?  
Té da materia o movimento o prova.  
Ella inerte de si, da inercia sua  
Não podéra sahir sem força externa,  
De cujo impulso nasce o movimento;  
A materia o não tem na essencia sua,  
Só vem da Eterna Causa Omnipotente,  
Que existe por si mesma. Unico aceno  
Ao vasto Mundo fez, moveo-se o Mundo;  
Nos eixos seus a machina pasmosa

A girar começou, e então parára  
Se a voz do Eterno lhe dissera -- Basta.  
Em taes idéas recolhido estava,  
Dentro em mim mesmo contemplando o Quadro,  
Que he sempre antigo, e novo, e sempre he bello;  
Pois he obra de hum Deos a Natureza.  
He este o meu prazer, o estudo he este!  
No mais subido cume então descubro  
Deste fulgente Olympo erguido hum Templo,  
Cuja pomposa, estranha architectura  
Nem alma concebêo, nem olhos virão,  
Nem d'elle idéa dão, nem dar poderão,  
Se inda os de Menfis, e Palmira aos ares  
Levantassem as cupulas douradas,  
Como inda os finos marmores quebrados  
Entre os desertos areaes nos clamão.  
De lucido cristal alto-esplendente  
Se levantava altissima fachada,  
Arcos, columnas, architraves, tudo  
De pedraria Oriental s'eleva,  
Onde huma luz celestial batendo,  
Despedia revérberos brilhantes:  
Levado aos Ceos o colossal zimbório,  
Qual de Narsinga o Diamante fulge.  
Quem dá força a meu Estro, e quem sustenta  
Meus arriscados temerarios vôos?  
Como á Verdade franquear eu devo  
Té agora as bronseas ferrolhadas portas

De crença, a cuja luz não seja avára  
A turba indocil de inconstante Vulgo!  
Longe de mim profanos! Se tu reges,  
Se tu mesma, ó Verdade, o Canto animas,  
Se tu me affinas Cithara toante,  
Para o Templo Celeste apresso os passos,  
E de linguas mordazes não receio  
O fundo golpe, o livido veneno.  
Do seculo, em que vivo, a sombra densa  
Eu rasgarei com vivo entusiasmo:  
Açaimada deixando a negra Inveja,  
Ao menos quando o corpo em cova humilde  
A morte me esconder. Das cinzas surge  
Sem mácula o renome, então consegue  
Da clara Fama o pósthumo tributo.

No Peristilo magestoso, e vasto,  
„ Eu não distingo s'he mortal, se he Nume „  
Então descubro feminil aspeito.  
De luz banhado, o portamento, as vozes  
Hum sobre-humano Ser me descobria.  
Os olhos me lançou, como se ha muito  
Naquella Estancia me aguardasse; estende  
Formosos braços, e me aperta ao seio;  
E a voz angelical soltando exclama.

O teu nome, ó mortal, lançado estava  
No Livro arcano do Destino immobil,  
Tu devias entrar no Templo eterno,  
Que a Sapiencia levantou no Olympo,

Tu, sequestrado dos mortaes enganos,  
Da vaidade, que assobérba o Mundo,  
Dos homens esquecido, e tu dos homens,  
Sómente entregue a ti, só dado ás Musas,  
Que em retiro, e na sombra alto meditas,  
Quaes são da vida os bens, da vida os males,  
Rápidas horas da existencia passas,  
Em constante fadiga amontoando  
Thesouros do Saber, que eternos durão,  
Ou quando o clarò Sol dá luz ao dia,  
Ou quando a sombra escura o Globo envolve;  
Hoje das mãos da Sapiencia o premio  
Tu debes receber, teu genio enchendo,  
Não de metro suave, ou brandas rimas,  
Com que do mar soberbo o Heróe decantas,  
Que as portas pôde abrir do ignoto Oriente,  
Que o Mundo enchêo de luz, de gloria a Patria;  
Mas da excelsa verdade ao Mundo ignota.

De seus olhos a Deosa amor vertia,  
Mas tal amor, que penetrava o peito,  
Sem que a excelsa razão sepulte em sombra,  
Offuscando-lhe a luz, tolhendo os vôos,  
Qual ser costuma nos mortaes se he grande!  
Pregados em seu rosto eu tinha os olhos,  
Com celeste prazer minh'alma toda  
Em sobre-humanos nectares s'engolfa.  
A Deosa o conhecêo, que mudo, e quasi  
Abstracto estava, e do sentido alheio,

Hum rizo deslizou dos rozeos labios,  
Solta a voz suavissima, e m'exclama:

„ Tens cheio o coração de ignoto fogo,  
A quem mortaes no Mundo amor chamarão,  
A quem puro prazer nos Ceos se chama.

Este puro prazer do gozo alheio  
Toma força, e calor, e tudo a todos  
Se apraz de ser, e se derrama inteiro;  
Do privado interesse ignora a meta,  
E nem se muda, nem se altera, como  
Tantas vezes no Mundo amor se muda.

O proprio amor nos corações innato,  
Que a todas as paixões, que o peito agitão,  
Se amolda sempre, e nellas se transforma,  
He disfarçado amor vossa esperança.

Amor he pertinacia, amor he mágoa;  
Amor são todos os prazeres vossos;  
De amor o movimento, os accidentes  
Não são mais que paixões, e amor são todas.

Na origem quando nasce, amor se chama;  
Quando do peito sahe, quando s'expande,  
E busca unir-se ao suspirado objecto,  
Chama-se então desejo, e vigoroso,  
Já seguro de si, firme em si mesmo,  
Se as azas solta, se remonta, e sobe,  
O nome tem de vivida esperança.

He constancia, se obstaculos yencendo,  
Na mesma opposição mais força adquire,

Quando aos duros rivaes declara guerra  
He sempre amor, mas chama-se ardimento,  
Mil vezes a si mesmo elle s'esconde,  
Mas neste raro sacrificio he sempre  
No altar do coração victima, e fogo,  
E Sacerdote amor, que em si transforma,  
Quantas no Mundo vê paixões diversas.  
Mas tempo he já que teu dejeso abaste,  
E te descubra o Templo portentoso,  
A que o Fado benigno hoje te guia.  
Esta, que vês alçar-se Augusta móle,  
He consagrada á Luz da Sapiencia;  
Altars alli tem, e alli conserva  
Eternos Bustos dos Heroes prestantes:  
Seus orgãos são no Mundo, e seus Ministros  
Esses engenhos transcendentos, vastos,  
Que tão rara entre vós a estima alcanção,  
Sustento, protecção, respeito, asilo.  
A Fadiga sou eu; nome tremendo,  
A quem de hum ocio torpe os braços busca,  
E na mole indolencia a vida exhaure.  
Mas he doce o meu nome a quem Virtude,  
A quem merito apraz; segue-me, ó filho,  
Cruza comigo os Porticos sagrados.  
Tremi confuso, e vacillante o passo  
Entre contrarios pensamentos movo.  
Quasi hum frio suor me banha a fronte;  
Quasi de vêa em vêa agudo frio

O curso ao sangue fervido entorpece.  
Vi que de Icaro o vôo, e a quéda acerba  
Desse soberbo, e deslumbrado moço,  
Que mal regêra igni-pedes Ethontes,  
Eu ia a renovar. Meu alto assombro  
Descobre a Deosa, e se doeu de ver-me;  
Dêo-me a benigna mão, e eu fixo o passo  
Sobre o immovel pavimento immenso.

Todo era d'ouro o consagrado Alcaçar;  
De azul celeste a abobada esmaltada,  
Onde brilhantes lucidas Estrellas,  
Quaes safiras finissimas, s'engastão,  
De eterna luz eternamente accesas.  
Todo he Pyropo Oriental o sólo.  
Prodigio Divinal! Pelas paredes  
Admira a vista insolitas pinturas,  
Quaes nunca Rafael, quaes nunca ousára  
Traçar pincel de Ticiano, ou Guido.  
Aqui se vião nos incultos bosques  
Errantes os mortaes, sem Lei, sem Patria,  
E quasi extincto o facho luminoso  
Da celeste Razão, como eclipsado  
Se nos descobre o Sol no Firmamento,  
Quando hum corpo interposto a luz nos rouba.  
Alli se admirão simplicis viventes,  
Das voadoras Aves ensinados,  
Das brutas Feras nos incultos montes,  
As choças rudes levantar primeiro

De huma folhagem sêcca, annosos troncos,  
Onde, quaes Feras nos covís, se acoutão  
Das injurias do ar, e irados ventos.  
Neste estado infeliz de hum Mundo inculto  
Teve principio a humana Sociedade,  
Fonte de tantos bens, fonte dos males,  
Que do combate das paixões são obras.  
Alli se ajunta, e cresce, alli se forma  
A primeira Familia, alli começa  
(Que imperiosa precisão lhe ensina)  
A rotear primeiro o campo agreste,  
Pois lhe não bastão fructos espontaneos,  
Nem pode errar nos bosques a colhe-los,  
Pois tem hum fixo lar, tem domicilio;  
No berço os filhos tem, no Thoro a Esposa.  
O' famosos Monarchas, vosso Imperio,  
Vossos Sceptros, ou de ouro, ou só de ferro,  
Nesta mesquinha Sociedade houverão  
Seu principio, e modélo; o Pai foi Nume,  
Foi Sacerdote, foi Monarcha, e tudo.  
Da Natureza a voz somente escuta  
O paternal poder, do Imperio he fonte,  
Interpretando os Ceos, as Leis promulga,  
Que da nascente Sociedade esteio  
Nella conservão paz, premio, e castigo,  
Que o bem particular ao bem do todo  
Mandão sacrificar: não era obscura  
A Sapiencia dos primevos Padres.

As puras aguas da Razão bebião ,  
E o Templo abrirão da vulgar Virtude.

Deste humilde principio, e tão pequeno,  
Surgio da antiga Roma o ferreo Throno,  
Que do Globo aos confins mandou cadêas;  
N'hum Cabana humilde origem teve,  
N'ella Romulo, e Numa as Leis dictavão,  
Ao novo asilo universal chamando  
Do Lacio antigo indigenas incultos.

Neste estado da simples Natureza  
Existio longo tempo a especie humana,  
Ah! Foi esta por certo a Idade d'ouro!  
A ferrea começou, e expresso ao vivo,  
Eu alli via Agricultor robusto  
Rasgar com duro ferro o seio á terra;  
O primeiro suor nella se entorna,  
Com que se amassa o pão de infausta vida.  
Do crime original he esta a pena!

D'estranho tronco as arvores s'enxertão;  
Corta-lhe a fouce os resequidos ramos,  
O campo se cultiva, o campo he proprio;  
Mas sem armas, sem rispidas cadêas,  
Porque inda o vicio a frente temerosa  
No berço dos mortaes não tinha alçado.  
A industria suppre a rude Natureza,  
Pois quanto as plantas por seu proprio instincto,  
Ajudadas do Sol, ferteis co'a chuva,  
Nos espontaneos frutos produzião,

A' humana precisão já não bastava.  
Então das cultas pampinosas vides  
Se tirárão primeiro os dons de Bromio;  
Então luxo ensinou tingir por fasto  
Co'a preciosa purpura de Tyro  
Do verme industrioso a tenue baba.  
Se a relva dava então tranquillos somnos  
A' sombra, que espalhava o Freixo annoso,  
E se estancava a sêde a lympha pura  
Do serpeante limpido regato,  
O vélllo se arrancou do manso armento,  
Que ao cançado mortal repouso presta,  
E o licor salutifero se apura,  
Que restaura o vigor no corpo inerte.  
Por buscar novo Mundo, e não sabido,  
Da nativa montanha então se virão  
Cortados abater-se o Chopo, a Faia;  
Lá vão nas ondas contrastar co'os ventos.  
Para ajuntar as peregrinas merces;  
Lá vai duro mortal soltando as vélas  
No elemento não seu d'Eólo ás furias:  
Mortal té agora ingenuo, e que outras praias  
Não tinha visto mais que as do tranquillo  
Ribeiro, que lhe corta os patrios campos.  
A guerra assoladora, a guerra infausta  
Era ignota até alli, e em tristes cores  
Alli se mostra a fervida peleja.  
Na bigorna se bate a horrenda espada;

Em dura lança além se alonga o ferro,  
Além se erguião reforçados muros,  
Pelo ar vão rompendo as grossas Torres....  
Ah! Gozava o mortal ocio tranquillo!  
E que Furia infernal, que monstro horrendo  
Trouxe do escuro Inferno o facho acceso?  
Que nuvem s'elevou sangue estilando?  
O odio, a raiva, a inveja o braço alçarão,  
Primeiro a Ingratidão nas mãos levanta  
O ferro atroz da cortadora espada.  
Levado d'ambição vai peito a peito  
Combater-se o mortal; chamou-se gloria  
Este cego furor, que avilta as Feras,  
Que, á lei do proprio instincto obedecendo,  
Jámais a propria especie desconhecem.  
Tudo foi erro, e confusão no Mundo.  
Honra se quiz chamar do sangue a sêde;  
Do humano coração se apossa tanto,  
Que julga estado natural a guerra.  
Foi esta idéa tua, Hobbes tristonho,  
E quanto opposta á Natureza humana!  
Aumentão-se as Nações, cresce a desgraça,  
Furor de dominar triunfa, e folga.  
O que era o Pai, o Sacerdote, o Nume  
Da primeira familia, he já Tyranno!  
De fero aspeito debuxado estava  
Sanguinario Nembrot, qu'ergue seu throno  
Sobre o pescoço das Nações em ferros.

A Terra se povôa, o archote acceso  
Não se apaga jámais nas mãos das Furias:  
Se hum throno se levanta, outro se abate  
Nos mais remotos angulos do Mundo.  
Nos ignotos confins de impervios mares,  
Onde existem Nações, a guerra existe,  
Della faz hum mister, faz gloria o homem!

Mas entre tantas, e diversas Gentes,  
Que o ferro tem nas mãos, no aspeito as iras,  
Eu via estar em solitario alvergue  
Pensativos mortaes; longe, e mui longe,  
Em doce paz, do estrepito, e tumulto:  
Ao ar, ao portamento, á vista, ao moto  
Subito conheci que os Sabios erão,  
Que as sempiternas Leis da Natureza  
Em pró dos outros conhecer tentárão,  
Com pertinaz estudo, e prompto engenho  
Folheão sempre o Livro do Universo.  
Com pasmosa attenção descortinando  
Tão formoso espectaculo, e tão vário,  
Co'os labios semi-abertos os immoveis  
Olhos pregados tem no ethereo assento,  
Como que vão buscando o immenso, e certo  
Giro eterno dos Astros scintilantes:  
Este o continuo estudo, este o deleite  
Do nunca saciado engenho humano.  
De assombro os enchem maravilhas tantas.  
Curiosidade da ignorancia he filha,

Ah! Da essencia mortal-tão propria, e tanto!  
Somente ella produz Sabedoria,  
Quando o veloz enthusiasmo atêa;  
E quando observa effeito desusado,  
Ou na Terra, ou no Ceo, corre anhelante,  
Corre prompta, interroga, observa, indaga,  
E tenta descobrir quanto se amostra  
A seu ouvido attento, olhos absortos,  
Vai dos effeitos progredindo ás causas.  
Nobre emprego este foi de antigos Sabios,  
As fontes ir buscar das cousas todas.  
Amor da Sapiencia, amor d'estudo  
Entre os mortaes se diz Filosofia.  
Curiosidade, e ocio á Deosa derão  
(Ao Nume, que preside ao Templo) a essencia.  
A's Gentes inda indomitas, e feras,  
Mal nas choças humildes recolhidas,  
Communicou seus raios luminosos,  
Fez-lhes vêr de si mesma a imagem pura,  
Apenas observou que accesos olhos  
Na pintura dos Ceos apascentavão,  
Do Braço Omnipotente contemplando  
Essas sem fim maravilhosas Obras.

Depois que em Quadros taes a vista absorta  
Acabei de deter, novos objectos  
O transportado espirito me enlevão.  
Nos aureos muros esculpidas vejo,  
Nunca a meus olhos descobertas Fórmãs.

Sobre hum Turquino fundo auri-luzente  
Fixas sempre n'hum ponto Estrellas brilhão,  
A cujos lumes trémulos, suspensos  
Pelos Bosques Caldeos, vejo os Pastores,  
Imprimindo sinaes na mole arêa,  
Da Geometria portentosas Linhas,  
Em que tanto s'exalta o engenho humano!  
Da Geometria, que dourada chave  
Da Natureza os Porticos franquêa!  
Co'a frente involta em sombra, além correndo,  
Eu vejo o turvo, o vasto, o immenso Nilo,  
Que pingue faz mysterioso Egypto.  
Vejo-lhe em torno industriosa gente,  
Que os Estos lhe calcula, as ondas mede,  
Esperando que o Ceo constante, e meigo  
O retorno annual decrete ás aguas:  
Em quanto o Interesse, em quanto o Genio  
Dividem entre si fadiga, estudo,  
Recebe nova luz Geometria.  
Qual costuma romper d'alpestre rócha  
Limpida fonte, e serpeando o campo,  
Por entre as pedras vai com doce, e grato  
Sussurro dando viço á planta, ás flores,  
E o feudo pouco a pouco recebendo,  
Agora d'hum fonte, agora d'outra,  
Mais se lhe engrossa a vêa cristalina,  
Já corre, e freme rapido regato;  
Quanto mais longe vai, maior tributo

Dos montes , que circunda , então recebe ,  
O fundo leito alarga , e violento  
Bramindo s'intumece , e se arrebatá ,  
Na catadupa fervido , espumoso  
Em soberbos cachões se precipita :  
Qual o turvo Oronóque , ou qual o Nilo  
Água , e nome confunde em mar immenso ;  
Tal do seio da vasta Natureza  
Profundo seio , pouco a pouco trouxe  
O humano entendimento a luz brilhante ,  
Com que logo raiou Filosofia ,  
Que foi por muitos seculos juntando  
D'alma sciencia o perennal thesouro ,  
Que he d'antiga innocencia o fructo , e premio ,  
Ah ! Tão buscado em vão na idade nossa !  
Em que fogo maior , mais viva chamma ,  
Q'essa que exhala igni-vomo Vesuvio ,  
No seio do mortal fomenta o crime ,  
O continuo desejo , ávido sempre  
De possuir incómodas riquezas ,  
Que sabe desprezar por nobre orgulho ,  
Quem vota o coração tranquillo , e livre  
Da Natureza ao porfiado estudo ,  
Contemplando-lhe as Leis , seguindo a marcha ,  
Que a cada passo fulgurante mostra  
De seu Auctor a Glória , a Sapiencia.

As leis , as bases do existente Mundo  
Forão do humano entendimento estudo ;

Mas nada lhe abastou desejo acceso,  
Que tão vivo crescêo, qual cresce o vasto  
De pequena faisca infausto incendio.  
Quando attento encarou bellezas tantas,  
Lançou-se aos Ceos com generosos vôos,  
E dos Astros o influxo, o vário aspecto  
Ousou descortinar; no eterno curso  
Pelos ermos do espaço os foi seguindo,  
E soberbo de si, não satisfeito  
A seu profundo, altivo pensamento,  
Da tocha da Razão seguindo o lume,  
Abre, piza, franquêa ignota estrada  
Co'a paixão do Saber, e os homens leva  
Da Verdade immortal ao Templo augusto,  
Que escondido não he, qual foi primeiro.  
Ella pode encantar Genios sublimes,  
Cuja imagem feliz n'hum bronze eterno  
Em si conserva o sublimado Alcaçar:  
Feliz, feliz entendimento humano,  
Se em taes indagações, se em taes estudos  
Mui longe do confuso Labyrintho  
Das humanas paixões, de infaustos erros,  
Aprende a conhecer, e amar o Eterno,  
Só de bens larga Fonte, immenso Oceano.

## CANTO SEGUNDO.

**D**A Sapiencia antigos amadores,  
 Os Sacerdotes do celeste Nume,  
 São do Templo immortal alto ornamento,  
 E seus Bustos de Pórfido formavão  
 Os Timbres, e os Troféos do Altar sagrado;  
 Puro, innocente Altar, onde a profana  
 Mão de infrenes mortaes nunca entornára  
 (Oh dôr!) de humanas victimas o sangue;  
 Sangue, que tanto apraz da guerra ao Nume,  
 E com que o cego Fanatismo alaga,  
 Theatro d'ambição, mesquinha Terra;  
 Puro affecto he somente o sacro incenso,  
 E os votos são sublimes pensamentos,  
 São Offerendas extasis ardentes,  
 Vôos da Mente, que se guinda aos Astros,  
 Correndo immenso espaço. Aquella Deosa,  
 Que o berço tem nos Ceos, que he dom dos Numes,  
 Que das Artes he Mãi, d'ellas he premio,  
 De magestade, e de belleza cheia,  
 Taes holocaustos com prazer acolhe.

Vi (que assombro!) de luz cercado o vulto  
 Do primeiro mortal, puro, innocente,  
 Que já das mãos do Creador dos Mundos

Sahira a ser Dominador da Terra.  
Do Divinal Saber nasce illustrado,  
Das cousas conhecendo a propria essencia :  
Impoz seu proprio nome aos Seres todos.  
Logo apoz elle , fulgurando estavam  
Em menos viva luz seus tardos Netos ,  
Que a herança paternal , pura doutrina  
A tão remotos seculos deixárão ;  
De labio em labio se transmite , e guarda ,  
Té que espantoso Cataclysmo o Mundo  
Fez que nas ondas náufrago ficasse.

Eu vi logo a Noé , que intacto surge  
Do Lenho guardador da especie humana.  
Aos filhos seus , dos scintilantes Astros  
Ensina as posições , o aspecto , o moto.  
Sublime Sapiencia , abstracto estudo ,  
Que tão illustres fez , depois da escura  
Confusão de Babel , Nações diversas ,  
O innocente Caldêo , o Arabe esperto ,  
Do Nilo o morador , mysterios todo ,  
Todo em obscuros symbolos involto ,  
E o Persa audaz , idolatra do Fogo.

Descubro Prometheo , e o velho Atlante ,  
Que a Poesia co'os pinceis Divinos  
Nas expressivas fabulas nos pinta ,  
Hum com fogo dos Ceos dá vida ao barro ,  
Outro o pezo sustém do excelso Olimpo.  
Vejo o profundo Trinegisto , e logo

O sublime Cantor harmonioso,  
Que de Troia a catastrophe decanta,  
Que em brando Verso, imagens lisongeiras  
Da Sapiencia os Porticos nos abre.

A idéa ao Mundo dêo das Artes todas  
Mos magos sons da Tuba estrepitosa,  
Que os valentes Heroes chama ao combate,  
E os Numes faz descer do Olympo excelso.

Pelas margens do Indo, e immenso Ganges  
Meditadores Brâmenes deviso,  
Que em sombra muito espessa a luz envolvem,  
E a verdade com Symbolos ensinão.  
Confucio, o grão Filosofo, descubro,  
Que da luz natural levado apenas,  
Achára o Summo Bem só na virtude.  
Nunca he feliz o criminoso, nunca!

Tres Zoroastros vi, que hum luminoso  
Fanal nas sombras plantão, e assignalão  
Das Artes para o Templo a estrada augusta,  
Com que immortal se fez o Egypto, e Persia.  
Vi logo o doce Orfêo, que a Lyra d'ouro  
Com tanta fez soar maga harmonia,  
Que a seus acordes sons penhascos, troncos  
Doceis pôde tornar com vida, e moto.  
Disse que era do Mundo Amor principio,  
Amor do cáhos discordante o tira;  
Grande he força de Amor, mas não tem tanta!  
Pensativo Beroso então contemplo,

A quem de Athenas a famosa Escola  
Estatuas levantou d'ouro mais puro.  
Chillon lhe vejo a par, que o dia extremo  
Sem pena, e sem temor contente encara:  
Tanto pôde fazer Filosofia!

Pitaco á morte sobranceiro vejo;  
O impotente Tyranno insulta, quando  
Em seu peito embebêo ferro homicida!  
Legislador Solon, de brando aspeito,  
De novo fez descer dos Ceos Astréa,  
Enlaçando co'as Leis Filosofia:  
Dos bons Monarchas o modélo he este;  
Buscão co'as Leis dos homens a ventura,  
Qual Pai dos filhos a ventura busca;  
A Lei subditos faz, mas nunca escravos.

Depois Zaleuco vi, depois Carondas;  
Sicilia com taes Reis só foi ditosa!  
No meio bem do sacrosanto Alvergue  
Taciturno Pythagoras admiro;  
Immerso todo em si, e em sombra involto,  
Mysteriosos numeros medita,  
E tira da Unidade os Seres todos.  
Mas Eterna Unidade he Deos somente,  
Origem perennal dos Seres todos,  
Delle o principio tem, tem delle a vida.

Cleóbulo descubro, a portentosa  
Sabia filha gentil conserva ao lado,  
Que da engraçada bôca em aureos rios

De eloquencia entornou Filosofia;  
Ah! Nunca aos homens se mostrou tão bella!  
Observo o Busto de Biante o Sabio,  
Que digno só julgou do humano estudo  
Moral, que na virtude a alma levanta,  
Em sua mesma magestade occulta,  
Deixando a Natureza enigma obscuro,  
Indecifravel aos mortaes mesquinhos,  
Em quanto ao corpo o espirito se prende.  
Periandro alli vejo, e vejo o Scytha  
Anacarsis Filosofo profundo  
Cujo nome immortal materia, e fama  
Dêo neste ferreo tempo ao douto Escrito,  
Que a Grecia em si contém, co'a Grecia tudo.  
Vejo a Misson... Que symbolo o distingue?  
O nobre, o nobre só proficuo Arado,  
Que o seio rasga á terra agradecida;  
Delle se pêja a estólida vaidade:  
Do Filosofo á vista he mais que hum Sceptro.  
Na cultura do Campo o Sabio he grande;  
Nem póde o estudo ter mais digno objecto,  
E nunca outro Mister, nunca outras Artes  
Com mais affan buscasse engenho humano!  
Celeste Agricultura, oh! digno emprego  
Té do mortal primeiro inda innocente!  
Ah! Nunca de meu lado hum ponto afasto  
O volume suavissimo, e celeste  
Do immortal Vanier, que as Leis promulga,

Em sobre-humano Canto, á Agricultura,  
 Que faz amar delicias innocentes  
 De hum domicilio rustico, que excede  
 Da Razão na balança, em preço o fasto  
 Dos Palacios dos Reis; d'alta Palmira  
 De Menfis, e de Roma a gloria infausta.  
 Tu déste ao Mundo, ó Vate portentoso,  
 Da Latina eloquencia o mór thesouro.  
 Só tu podeste tactear a Lyra,  
 Que pendente deixou Titiro outr'ora  
 No Loureiro, que o tumulo lhe assombra,  
 E Pausylipo ao viandante mostra.  
 Tu talvez excedeste os sons acordes,  
 Que Sanazáro, seu rival, tirára  
 Ora de agreste Frauta, ora da Tuba.

Eu distingo Epimenides, que deixa  
 A escondida Caverna, onde absorvido,  
 Onde immerso em si mesmo, a origem busca  
 Desta do Mundo machina pasmosa;  
 Aos homens traz hum facho luminoso,  
 Que de hum tal labyrintho as sombras rasga.

Aquelle Genio milagroso observo,  
 Que a Frigia vio nascer profundo, e sabio,  
 Que os Brutos fez fallar, Arvores, Plantas;  
 Em lisonjeiras Fabulas ensina  
 Quantas depois lições do justo, e honesto  
 Rigida Estóá, e Portico ensinárão.  
 Thales descubro então, timbre da Ionia

Do primeiro Liceo , primeira Escola ,  
Que vio dentro em seu seio a Grecia douta ,  
Illustre Preceptor. Dêo luz ao Mundo  
No que pôde alcançar de Astronomia ,  
Do vidro portentoso o olho despido.  
Elle primeiro do Solsticio o ponto  
Sobre a Terra marcou ; e elle primeiro  
O Eclipse assustador predisse aos homens ,  
A marcha calculando a ethereos orbes ;  
O Eclipse assustador , que a luz ao Globo ,  
E a paz ao peito trepidante rouba ,  
Ignaro peito do mysterio ignoto ,  
Que só das causas naturaes procede.  
Elle dêo por principio aos Seres todos  
Esse liquido humor , que cerca o Globo ,  
Que dos igneos vapores rarefeitos  
(Tal pensaste , ó Buffon!) cahio dos ares.

Vejo Archeláo , depois Anaximandro ,  
Que , suppondo infinita a Natureza ,  
Abrem primeiro ao Panteismo a porta ;  
A' idéa tua , ó Luso Israelita ,  
Quando encaraste a unica substancia ,  
Que vária , e só , modificada existe .  
Hum véo sobre este pélagos lancemos ,  
Colhe só no Parnaso amenas flores ,  
O' Musa Filosofica.... immudece....  
Tu entras neste abysmo , mas os outros!!!  
Não he para este seculo tal sombra!!

Inda tempo virá, que o Mundo absorto .  
 Veja no Vate morador no Tejo  
 Mais que vira em Lucrecio a augusta Roma!  
 Vate infausto, infeliz, que inda que abrisse  
 Do saber a vertente, inglorio existe.  
 Odio, inveja, indigencia, este o seu Fado.  
 Dêo Augusto a Virgilio hum pão somentê,  
 Mas seu nome immortal conserva intacto.  
 Das chammas voracissimas lhe salva  
 Os Versos divinaes, que rivalisão  
 Com Roma em duração, com Roma em gloria.

Anaximenes do Orador Romano

Assombro, estimação, contemplo, e vejo,  
 No moto eterno da substancia eterna  
 A essencia poz de hum Arbitro Supremo,  
 E dêo ao Mundo por principio, e fonte  
 A substancia do ar vasto, infinito;  
 Mui grande em luzes foi, grande nas sombras.

O profundo Anaxágoras deviso,  
 De arcana luz, mas encovados olhos,  
 Prolixa a barba, aspeito attenuado;  
 Quanto do trilho da verdade aberra,  
 Quando busca a verdade o humano engenho!  
 Incombustivel julga, e ardente pedra  
 O luminoso Sol! Que mais agora  
 Descobre alli de Astrónomos a turba?  
 Diz que he das fixas huma Estrella immovel!  
 Diz que he de fogo hum pélagos insondavel;

Na superficie as ondas lhe refervem ,  
E por ella ondeando espessas manchas  
De hum limbo a outro rapidas se volvem.  
De hum filho teu, familia rejeitada,  
Rediviva outra vez, na margem fria  
Do espraiado Danubio bellicoso  
Os vivos olhos para os Ceos se volvem ;  
Buscão o Sol no Sol, e alli descobrem  
As não cuidadas máculas; ou foste,  
Immortal Galileo, tu, (cujos olhos  
De luz mais viva enchêra a Natureza )  
O primeiro talvez, que as sombras vira,  
Nessa brilhante alampada do Mundo,  
Que ciosa de si, não quer que os olhos  
Nella fixar-se vão sem deslumbrar-se.

Entre raios de luz mais fulgurantes  
Vejo o profundo Socrates, o Justo,  
Quanto ser pode impura Natureza,  
Calva, e rugosa a frente, a tez sombria.  
Aos movimentos d'alma attento sempre,  
Do coração nos penetraes entrando,  
Com sorriso Socratico escarnece  
Os vãos systemas fisicos do Mundo,  
Que á mente dos mortaes ignotos deixa,  
No seio immersos do Motor Supremo.  
Só d'austera Moral segue as pizadas:  
O avezado mortal ás vãs idéas  
Da vacillante Fysica procura

Só no estudo empregar da essencia propria :  
Só quando o homem se conhece he sabio.

Vejo Aristipo , Anthistenes descubro ;  
Hum busca o summo bem no inerte , e baixo  
Prazer , que encanta os corporaes sentidos ;  
O' lisonjeiro do sagaz Augusto ,  
Teu systema tal foi ; teus aureos Versos  
Somente o Cortezão , e Amor respirão  
Entre as infames libações de Bacho.

Sabio he somente Anthistenes , que encontra  
D'alma em puro prazer ventura extrema :  
Este o primeiro da assisada turba  
Do Cynico mordaz. Crates contemplo ,  
Que julga inutil pezo a vã riqueza ,  
E no abysmo do mar com ella esconde  
Inquieto temor , voraz cuidado ;  
Seja d'ouro o grilhão sempre he cadêa !

Alli Monimo admiro , o grande Hyparco :  
Na abobada dos Ceos novas Estrellas  
Pôde descortinar , visiveis Astros ;  
Nessas immensas solidões do espaço  
A numero os reduz nas classes suas.  
Se o soccorro d'hum tubo , e hum fragil vidro  
Lhe aproximasse o Ceo , quantos prodigios  
Aos absortos mortaes manifestára !

Vejo a vagante habitação do sabio  
Diogenes pasmoso , e alli defronte  
Do Mundo o assolador , de Péla o raio ,

Ante o qual immudece o Mar, e a Terra,  
Alexandre se diz: da esquerda parte  
Inclina hum pouco a frente aterradora,  
A fluctuante Clamyde lhe arrastra,  
Sobre o pomo da espada a dextra encosta.

Ao pé vejo Calisthenes; severo  
O grande Esfestião: tudo immudece.

Solta Alexandre a voz, e erguendo o braço,  
Com que a Persia abatêo, e o Indo assusta,  
Offerece a Diogenes thesouros....  
Tranquillo o Sabio, indifferente, e grande,  
Só lhe pede, que ao Sol não véde as luzes,  
Nem lhe tolha o calor; que ao frio, inerte  
Corpo negado tem frugalidade.

Verdadeiro Filosofo he só este,  
Que para ser feliz de si depende,  
E não dos Reis, pois basta a Natureza,  
Que do pouco se apraz, e até do nada.

Com taes lições he grande hum Menédemo;  
Não conhece outro bem mais que a Virtude.  
Esta o supremo bem, que eterno dura:  
Nelle não tem poder Fortuna, ou Fado.  
Tudo dentro em si mesmo o homem conserva;  
Quando escuta a Razão, despreza o Fasto,  
E discordantes appetites dóma.

Vejo Euclides, o Pontico, avezado  
A' contumaz contradição de tudo;  
Este o prudente Sceptico, equilibra

Entre oppostas razões seu pensamento.

Oh! Magnanimo Stilpon, eu te vejo;  
Traz intonsa a cabeça, e descoberta,  
Pobre os vestidos traz, e os pés descalços;  
Com elles piza a vaidade, o luxo,  
E nega ao coração quanto elle pede.

O' grande Preceptor do ingrato Nero,  
Se isto não foi teu animo sublime....

Talvez, talvez calúmnia te macule!

Os teus Escriptos immortaes respirão  
Celestiaes lições, virtude austera.

Diofante Apolonio eu bem distingo,  
Tem nas mãos o compasso; e tem na terra  
Immoveis sempre os olhos encovados.

Alli descreve as trabalhosas Curvas;  
Além disto não mais surge esta idade.

Nem mais Eulero diz, nem mais La Grange,  
Nem dizes tu, meditador La Place,

Que o vasto genio, que penetra abysmos,  
Lanças de Sol em Sol, de Mundo em Mundo,  
Té divisar do Todo immovel Centro.

Tu mesmo, ó Galileo, tu mesmo, ó Newton,  
No labyrintho das cruzadas Linhas,

Não mais atinas co'as douradas chaves,  
Que d'augusta Verdade as portas abrem,  
Dentro em cujos Alcaçares se guardão

As Leis da Natureza, e seus arcanos.

D'Estoico rigor seguindo a trilha

A Zeno vejo involto em véos, em sombras,  
Na mente architectar possíveis Mundos;  
Mas suspenso, indeciso os olhos volve  
A's sendas da Moral; só digno estudo  
Dos homens o julgou, com ella aos Numes  
Pode o mortal equiparar-se, quando  
A' terra sobranceiro, hum ferreo jugo  
Sabe impor ás paixões tumultuosas,  
E com sorriso aterrorador olhando  
Os cuidados dos Reis, da Corte o fausto.

De veneravel rosto, accesos olhos  
Eu descubro Platão, que o Nume eterno  
Neste immenso espectaculo conhece,  
Na Planta, e Bruto, e Racional o adora.  
A novo amor dá luz, e alegre espera,  
Que a seu astro natal sua alma torne.  
Oh! Sublime doutrina! Ah! Tu podeste,  
Dentro da Escola de Florença outr'ora,  
O eloquente escutar Policiano;  
Ficini he teu interprete, e te iguala.  
Se as Letras tem na Europa apreço, estima;  
E a frente em seu amor se me embranquece,  
A tão sabio mortal, tão grande o devo.  
Que mais te posso dar? Tens em teu nome  
A fama, a estimação, a gloria, e tudo.

Vejo Espeuzipo, imitador da excelsa  
Virtude de Platão, e em sua Escola  
Teve commum com elle, estudo, e sangue,

Aureas Bases lançando á Academia,  
 A quem depois dêo Cicero mais luzes  
 Nas Questões Academicas, que em Baias  
 Entre Oradores Consules ventila,  
 E nas alas das arvores sombrias  
 Do fresco, e ameno Tusculo resolve.

Da belleza inimigo, e da ternura,  
 Xenócrates descubro austero, e triste,  
 Vergonhoso baldão da especie humana,  
 Que nem ao vivo scintilar d'huns olhos,  
 Nem ao mago sorriso deslizado  
 De hum labio, côr de purpura, ou de rozas,  
 Ou aos aureos anneis de tranças de ouro,  
 Da Natureza escuta a voz suave,  
 E sopro avivador, que atêa o fogo,  
 Tão grato ao coração, que he delle a vida;  
 Fogo, que até do mar no abysmo fundo  
 Sujeita a seu imperio equoreos monstros,  
 E a sanguinario Tigre, indocil sempre,  
 Amar ensina, e conhecer ternura.

O pertinaz Arcesiláo na Escola  
 O segue duvidando, a alma suspensa  
 Entre a diversa opinião conserva.  
 A imagem de Carnéades descubro  
 O mór brazão da nova Academia,  
 Cujá alma excelsa da verdade indaga  
 Entre o provavel sempre a estrada incerta.

Pythéas vejo, que do antigo Sabio,

A quem Samos talvez já dera o berço,  
Vai solitario, pensativo, e mudo,  
Na extensa praia de Marselha antiga,  
Erguendo a vista á cupula azulada;  
Primeiro assignalou dos aureos Astros  
As leis, a proporção, e o moto vário,  
Com que o prescripto circulo descrevem,  
De hum corpo, que he central, girando em torno.  
Gravitação reciproca, e pasmosa,  
Primeira eterna lei, já presentida  
Em tão remotos seculos de sombras:  
Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte  
De universal gravitação dos corpos,  
Reciproca attracção, constante, eterna,  
Infatigavel Pensador Britanno.

Impaciente Empédocles já vejo,  
Que julga (ó vão discurso, ó vãs idéas!)  
Suor do Terreo Globo o vasto Oceano.  
Daqui talvez Buffon, talvez te veio  
Esse teu vapor humido, que a Terra,  
Destacada do Sol, e ardendo em fogo,  
Da Atmosfera nos ambitos exhala,  
E cahindo de lá se forma em mares.

Do Italico Saber brazões sublimes;  
Fidas, Architas fulgurando admiro;  
Julgavão cada Estrella hum Mundo errante  
Fluctuando no ar, vasto infinito,  
Onde hum Astro central preside a muitos

Rotantes Globos solidos, opacos,  
Reverberante luz delle recebem.  
No Globo incerto da serena Lua  
Mares, selvas, montanhas suppozerão,  
Té do ser pensador foi dita alvergue.  
Pensamento foi teu, sublime engenho,  
Quando de ignoto Mundo a Mundo ignoto  
Levaste a passear Matrona imbelle.  
Do prazer filosofico em ligeiras  
Azas de acceso, viyo entusiasmo.  
Tiverão tal idéa antigos Sabios,  
Que tão sublime opinião vestirão  
Das côres da Razão, qual tu fizeste  
Na, que eu te imito, extatica viagem,  
Em que, profundo Kepler, te lançaste  
Da Creação aos términos não vistos,  
Nem da humana Razão jámais marcados.

Na escura tez Protágoras conheço,  
Entre sofismas se revolve, e nega,  
Oh! Sacrilega audacia! Hum Deos ao Mundo!  
Nem vê ná immensa gradação dos Seres  
Reguladora mão, que rege o Todo,  
Os effeitos apalpa, e a causa nega.  
Nem vê na Obra Artifice Supremo,  
Sem fonte o rio, sem impulso o moto!

Cheio de assombro, extatico detenho  
Na frente de Demócrito meus olhos.  
As azas audacissimas desprega

De universal Saber na esfera immensa ;  
Architectando de átomos errantes  
Mundos , Mundos sem fim no espaço eterno.  
Com riso insultador desdenha os homens.

Do lado opposto Heraclito tristonho ,  
Sem lagrimas jámais , contempla o Mundo ;  
A mortal condição n'alma lhe toca ,  
Nos humanos só vio miseria , e luto ,  
Eu só desgraças nos humanos vejo ;  
Indeciso entre os dous , não sei se o pranto ,  
Não sei se o riso os homens me provocão.

Franzida testa , supercilio austéro ,  
Arcano lume d'encovados olhos ,  
Eu descubro em Pyrron ; com pertinacia  
Duvída do que vê , tactêa , escuta ;  
Néga as luzes ao Sol , e aos Astros moto.  
Filosofico orgulho , ah ! Quanto , e quanto ,  
Se fecundou teu germe em peito humano !  
O fluctuante Scepticismo as luzes  
Do portentoso Baile nos transforma ;  
Em não rasgadas , e cimerias sombras  
Vemos , n'hum ponto , o verdadeiro , o falso.

Entre guerreiras máquinas involto ,  
Entre abrazadas Náos vejo Archimédes :  
Té agora vinte seculos não derão  
Hum tão raro espectaculo aos humanos.  
Teu genio , ó Galileo , só d'elle he sombra !  
Co'a frente augusta de laureis cingida ;

Marcello o vencedor lhe chora a morte,  
De Siracusa nos entrados muros;  
Foi esta a vez primeira, ó grão Romano,  
Que fez Heroes hum pranto enternecido!  
E ao Mundo aligeirou, fez doce ao Mundo  
O ferreo jugo do Latino Imperio!

Vejo ao perto Epicuro, o vulgo insano  
Nelle descobre hum impio, eu vejo hum Sabio,  
Frugal, modesto, taciturno, humilde,  
Que no moral prazer, puro, e sincero,  
Suprema quiz constituir ventura.  
Entre viçosas arvores se assenta  
De hum ameno jardim, medita, ou finge  
Ver infinitos átomos no vacuo,  
Mundos produz do casual concurso.  
Hum erro foi da fraca intelligencia,  
Não passa ao coração tranquillo, e puro,  
Ama a virtude. O' Séneca, foi este  
Teu pensamento nas lições sublimes,  
Com que a Lucilio instrues no honesto, e justo,  
Da Latina Potencia esmalte, e brilho,  
O' portentoso Séneca! Tu erras;  
He sempre vã, quimerica a Virtude,  
A quem della não vê n'hum Deos a fonte,  
No Acaso achando hum Arbitro do Mundo,  
Tanto delira humano entendimento!  
Na essencia humana o maximo se toca,  
No extremo opposto o minimo mil vezes!

Eis de Estagira o genio, eis o prodigio  
Maior que antiga Grecia outr'ora visse.  
Do Mundo o Mestre foi, e a Natureza  
Lhe quiz a porta abrir de seus sacrarios.  
Não confundo com elle o Peripáto;  
Elle foi luz, o Peripáto sombra;  
A seu lado Alexandre a Terra espanta;  
Elle mantêm por seculos o Imperio  
Universal das Artes, e das Letras,  
Por esse immenso circulo correndo  
Do que então se chamou Saber humano.  
Antes que a luz se derramasse, e visse  
Brilhar no Sena, e Tibre, Arno, e Tamisa,  
Em seus Escriptos, que a ignorancia altera,  
(Ignorancia dos Arabes soberba)  
Saber encyclopedico descubro.  
Dos brutos animaes, que a Terra, os Ares,  
E o Mar no fundo abysmo encerrão, nutrem,  
(A immensa turba, as variantes classes)  
Plinio, e Buffon nos representa o Quadro.  
Se não fôra Aristoteles, não forão  
Honra da Hesperia, e Gallia, honra do Mundo.  
Bem como á voz omnipotente surge  
Do cego abysmo a máquina da Terra,  
E repentina a luz se espalha, e brilha,  
Assim das Artes, das Sciencias todas  
Surge á voz de Aristoteles a base,  
Que jazêra até alli na sombra involta.

Nunca deixou de perseguir o Mundo  
 A Sapiencia, o Merito, a Virtude:  
 Tristes Aves da noite a luz odeão.  
 Foge o grande Aristoteles de Athenas,  
 E busca asilo em morte voluntaria.

Na sublime Cadeira então se assenta,  
 E alli brilhando estava o douto, e grave,  
 Da Natureza interprete Theofrasto.  
 Desgraçado Calisthenes lhe escuta  
 As sublimes lições, e o grande Eudemo  
 Co'a respeitavel multidão dos Sabios,  
 Que passeando entr'arvores discorrem.

Raios da guerra fuzilando correm  
 Desde as margens do Tibre, e se desfechão  
 Na opulenta Corintho, e Athenas douta.  
 Mumio abraza Corintho, e Sylla Athenas.  
 Torna-se escrava vil essa, que outr'ora  
 Foi das Sciencias inventora, e mestra.  
 Douradas Torres, magestosos Templos  
 Pizadas cinzas são, e Aldêas pobres.  
 Foge, e se aninha a Sapiencia em Roma,  
 Se do Templo da Gloria as portas abre  
 A seus grandes Heroes, que em guerra crua  
 Levão da Terra aos fins sangrentas Aguias,  
 Tambem no Templo da Sciencia os vejo.  
 Scipião de Carthago as portas entra,  
 Na frente o louro tem, na dextra a penna:  
 Pende-lhe ao lado a fulminante espada,

E talvez que a Terencio a fama dêsse  
 Nos Dramas, que obra são da dextra invicta,  
 Que o nome de Aristófanes, Menandro  
 Neste, em que estamos, seculo obscurecem;  
 Co'as armas vencêo Roma a Grecia douita,  
 Mas nas letras a Grecia excede a Roma.

Entre todos mais luz, talvez mais clara,  
 Que a que ressurte dos Argivos Bustos,  
 O sobre-humano Cicero derrama.  
 Nenhum Sabio formou n'antiga idade  
 De hum Arbitro immortal-mais justa idéa  
 Entre as sombras Pagãs, nenhum mais perto  
 Se aproximou do Throno inaccessible  
 Do Ente Creador, de tudo origem.  
 Elle incorporeo, immenso o considera,  
 De eterna Providencia, Amor eterno,  
 Existente por si, Causa primeira.  
 Por certo entre os mortaes nenhum té agora  
 Tão profundo saber juntou co'a rica  
 Larga vêa caudal d'aurea eloquencia.

Do Epicureo Lucrecio então descubro  
 O pensativo descarnado aspeito.  
 O centro tira ao Mundo, e finge Mundos,  
 Que infinitos lançou no eterno espaço.  
 Alli vejo Epitecto, escravo humilde,  
 Mas livre mais que os Reis, mais Soberano;  
 Que a alma d'hum Filosofo não sente  
 Entre ferros crueis do ferro o peso,

Cuja fragil alampada de barro  
Julgou Romano Povo alto thesouro,  
E joia preciosissima entre as joias,  
A que o Mundo dar quer preço, e valia.

Vejo o vulto de Séneca, seus olhos,  
Onde arcano fulgura hum lume, e volve  
Meditabundo ao luminoso assento.

Piza as salas fataes d'ebano, e de ouro,  
Onde a sombra de Nero horror derrama,  
Onde o cadaver de Agripina encara,  
Onde vê de Germanico os despojos  
Sem remorsos, sem lagrimas, sem luto.

Séneca o monstro louva, e s'entristece.  
Dependencia d'hum Throno a quanto obrigas!

Fazes do grande Sabio homem pequeno!

Não vejo grande a Séneca nas obras,  
Pois a vida antepoz ao justo, ao pejo;  
Por ella perde de viver as causas.

Em seu regaço o tem Filosofia,  
Só porque disse, que ás acções internas  
He presente hum Juiz, presente hum Nume.

Abre a Plinio seu seio a Natureza,  
E seus thesouros lhe descobre todos;  
Do moderno Saber he este a fonte;  
E o germen nos deixou no aureo volume,  
De quanto soube nas idades todas  
A humana experiencia, humano estudo,  
Da Natureza o Quadro contemplando.

Roma nelle acabou. Se orgulho insano  
No ardente seio do Vesúvio esconde  
O mal fadado Empédocles nas chammas  
Da abrazada montanha a vida acaba  
De Plinio indagador: Filosofia  
Grande na vida o fez, grande na morte,  
Em seu Saber immenso ind'hoje existe.

De Alexandre o poder na foz do Nilo,  
Rival de Athenas, ergue Alexandria:  
Nella descubro o *Eclético* Potámon:  
Alli com elle fulgurante brilha  
O rosto formosissimo de Hypacia;  
Entre suaves hálitos de rozas  
Eloquencia, e saber da bôca entorna,  
Que o transportado Origenes lhe admira;  
O que depois Oraculo foi grande  
Da Sapiencia humana, e da Divina,  
Seu Discipulo foi, dócil, humilde.  
Naquelle Escola Próculo s'exalta;  
Ammonio, Celso, Jamblico, e Porfyrio,  
Que o mui confuso Platonismo illude.

Vejo n'hum Throno sobranceiro a Tantos  
Inda acima de Arnobio, e de Minucio,  
E do eloquente Firmico Materno,  
O magestoso vulto auri-esplendente  
Do harmonioso, fluido Lactancio;  
Do Consul Orador rival por certo;  
Nunca até agora os seculos nos derão

Outro com mais saber, clareza, e força,  
Que os ouvidos encante, a alma suspenda.

Não era longe d'elle em sombra involto  
Da prisão melancolica Boécio:  
Vai banhando os grilhões de amargo pranto,  
Té que raiando vio Filosofia,  
Que as sombras rompe, as lagrimas enxuga.  
Consolação extrema he Sapiencia  
No mal da Natureza, e da Ventura.

Profunda escuridão, pesado luto  
O vasto Imperio da Sciencia abafa,  
Que onde apparecem Wandalos acaba.  
Vem do gelado tenebroso Arcturo  
Hum bando armado de ignorancia, e morte,  
Das sabias Artes derrubando os Templos.  
Apenas ficão gárrulas Escolas,  
Que hum só Busto não tem no eterno Alcaçar,  
Té que o profundo Sárмата apparece;  
Copérnico se diz; este o primeiro,  
Que ousou mostrar da Terra o moto, e giro;  
O Sol immovel vio: de orbita immensa  
Centro commum, que rapidos Planetas  
Em seu perpetuo moto reconhecem,  
Delle a luz recebendo, e delle a força.  
Apenas tão profunda, e ousada idéa  
Ao respeito dos seculos s'entrega,  
O magestoso Alcaçar da Sciencia  
De portentosos Sabios se povôa.

Eis se me amostra Galileo, dos Astros  
O novo Cidadão tem curva a frente,  
Nas descarnadas mãos tem vís cadêas;  
Cinge-lhe Jove na enrugada testa  
As, que elle achára, lucidas Estrellas.  
Mais larga, e mais segura a estrada bate;  
Nova luz dêo á Fysica, e sobindo  
De Ceos em Ceos, expoz d'Astronomia  
Não sabidos incognitos arcanos;  
Com seu exemplo mostra, e nos descobre  
Que o melhor era ignoto, e que podêmos  
Com porfiado estudo d'entre as sombras  
Da magestosa Natureza hum dia,  
Despedaçado o véo, á luz traze-lo,  
(Elle o caminho mostra, e o vai trilhando)  
E assim tocarmos da verdade o termo.  
Soube crear rivaes, mas ajuda-los  
Com sublimes lições, com luz immensa.

Da antiga Rhecia vejo o alto ornamento  
Bernouilli immortal. Na margem fria  
Do discordante Baltico diviso  
O grande Auctor das Mônadas, que encontra  
No composto mortal maga harmonia  
Entre a corporea, e simplice substancia.  
Nascido a meditar, môdesto, e mudo  
Da nebulosa Hollanda em canto escuro,  
Do grão Des-Cartes magestoso vulto  
Entre as sombras, e luz plantado admiro.

A' mão direita hum Globo se descobre,  
Que representa a Máquina terrestre;  
Sobre elle acceso hum facho a luz derrama,  
Que lhe afugenta a sombra da ignorancia.  
De huma gloria immortal cobrindo a França,  
Cujo timbre maior foi dar-lhe o berço.

Legislador profundo além diviso  
Verulamio infeliz; primeiro as portas  
Da recatada Natureza abria,  
E ao sublime clarão, que elle espalhava,  
Surgem da Italia os vivos luminares.  
Vejo Tillesio, Cisalpino, e Cusa,  
E Patrizzi tambem, que Arabe jugo  
Do Peripáto arremessar ousarão;  
Paradoxal Cardano, que entre as sombras  
Do erro, vezes mil, verdade encara.

O desprezado acinte, e ignoto a muitos,  
Pensador Espinosa aqui fulgura;  
Errou, porque homem foi, e errou com elle  
Toda a Escola Eleática, e tu mesmo,  
O' Séneca immortal, com elle erraste;  
E Campanella, e Bruno, e a nós mais perto  
Quem quer que foste tu, que ao Mundo déste  
A tenebrosa producção, que chamas  
Da Natureza enfatico Systema.  
Assim mesmo teu Genio absorto admiro,  
O' Lusitano Hebrêo, nem posso a força  
D'alma negar-te, que penetra sombras,

Que rasgar não foi dado á mente humana.  
Quantos Sabios a penna empunhão, quantos  
Escriptos contra ti tem visto o Mundo!  
Quando attento medito as obras suas,  
Não vejo impugnações, só vejo insultos.  
Muitos na antiga idade, e na presente,  
Teu erro assoberbou! No Peripáto  
Eu vejo o Panteismo, e o vejo nesse,  
Que a verdade indagou, que em Deos só via,  
Como em substancia immensa, as cousas todas.  
Eu te posso impugnar, e outros te insultão.  
Os erros Metaphisicos não tolhem  
Em ti Moral austera, rejeitaste  
A offerta de Condé, quando em não proprio  
Domicilio te vio; co'as mãos calosas  
Em trabalho mecanico buscando  
Parco sustento, humilde vestidura;  
Na soberba París te franqueava  
Marmoreo Paço, ricas equipagens.  
Alta Potencia da Opulenta Hollanda  
Seus cofres abre, e te offerece o ouro;  
Verdadeiro Filosofo rejeitas  
Dos homens o favor, do Mundo o fausto.  
Tu na propria virtude involto vives:  
A Natureza basta, a quem do pouco,  
E até do nada se contenta, e vive.  
Dos dons da Natureza impia Fortuna  
Em ti se quiz vingar, fez que odioso

Fosse teu nome aos seculos, ao Mundo.  
 Applaudes o erro do Romano Vate,  
 Que huma substancia só n'Orbé conhece,  
 Dizendo afouto em Verso alti-sonante  
 „Tudo o que vês, e o que não vês he Jove.”  
 Mas foste Portuguez, teu crime he este,  
 Porque ao berço ajuntaste engenho, estudo,  
 E na vida civil, retiro, e honra.  
 Dêo-te o trabalho pão, nunca a lisonja,  
 Nunca o bater servil de hum Grande á porta.  
 Reprovo em ti doutrina, e louvo o homem,  
 Nas sombras Metaphisicas te perdes,  
 Conservando a virtude intacta, e pura.  
 Dourado Busto tens no Templo eterno,  
 Que imaginosa Poesia eleva  
 No espaço aéreo dos mortaes ignoto.

A par deste eu descubro em aúreas bases  
 De Hombergio os Bustos, Malebranche, e Locke.  
 Em circumfuso fluido brilhante  
 Para hum Mundo ideal seus passos guião,  
 Ou despregando audaciosos vôos  
 Vão romper, e rasgar Cimerias sombras,  
 Sem fallar ao sentido, ás almas fallão,  
 Do entendimento os penetraes abrindo,  
 A' escrupulosa analyse o sujeitão.

Quantos talentos assombrosos vejo!  
 Entre o Germano agudo, e o Franco ameno  
 Do Italico Saber vejo os milagres;

O que Apolonio, e Diofante excede,  
Do grão Toscano a par brilha Viviani.  
Mais de huma Hypacia nos descobre a Italia;  
E a que vira huma vez Alexandria  
A escuta-la parando o immenso Nilo,  
Muitas escuta o formidavel Tibre,  
O Arno ameno, o limpido Sebéto;  
Aquelle as veigas de Florença banha,  
E do Vesuvio a faldá est'outro lambe.  
Fragil sexo gentil na Italia he grande;  
Inda no Templo augusto a imagem linda  
Da formosa Ardinghelli admiro absorto.  
Nos labyrinthos do profundo Euclides  
Com ella entrava a portentosa Agnesi.  
• Outra Laura maior qu'essa, qu'outr'ora  
Do Vate, todo amôr, dêo força á Lyra  
Nas sublimes Canções, que ind'hoje admiro,  
Nos penetraes da Natureza entrando,  
A Spallansani explica altos mysterios,  
Que sempre nos revela, e nunca explica,  
De si mesmo ciosa, a Natureza.  
Com seus Escriptos Boscovich subia  
No immenso espaço a passear nos Astros.  
Maraldi não foi mais, nem foi Cassini!!  
A eloquencia, e saber, que rompe, e corre  
Em doces ondas de purpureos labios,  
Mais nos commove, nos convence, e toca.  
As roseas faces, a nevada fronte,

As douradas madeixas, que fluctuão  
Como em ondas subtís no eburneo collo,  
A's Letras dão mais luz, brilho ás Sciencias:  
Talvez se illuda o nosso entendimento;  
Mas ditosa illusão, ditoso engano!  
E se austera virtude o não comprova,  
Oh! Quanto o pede a Natureza, quanto!

Algaroti, teu vulto alli contemplo;  
Dêo-te d'Adria a Rainha o berço illustre,  
Tu mais lhe déste co'o Saber immenso.  
Sua luz te outorgou Filosofia,  
A quem soubeste unir amenidade,  
Com que douto trataste as Artes bellas;  
Materia dando á muda Poesia  
Quando aos pinceis de Teopoletto mostras,  
Quanto de bello a Natureza ostenta  
No arduo soberbissimo Apenino;  
De cuja cima vendo ambos os mares  
O inquieto Adriatico, o Tirreno,  
Lhe apontavas os Quadros portentosos,  
Em que encontra rivaes a Natureza.  
Do Salomão do Norte o amigo foste,  
Frederico era Rei, e eu sou Poeta;  
Grande te fez no circulo da vida;  
Durão mais que as Piramides os Versos,  
Durão mais do que o jaspe, e mais que o bronze,  
E nelles eu farei teu nome eterno.

Entre o fulgor da purpura brilhante

Eu vejo Passionei, cede-lhe a Palma  
Demosthenes, e Tullio, inda que venhão  
Do grão peso dos seculos seguidos;  
Não tem que opponha, que lhe iguale o Sena.

Inda menos terá que oppôr-te o Mundo,  
O' portentoso, universal Roberti!

Não me cega o furor, com que do Tibre  
Eu volvo as producções, e estudo as Artes.

Da Italica Sciencia espavorido,  
De prodigios sem numero espantado,  
Em mais sublimes extasis me elevo,  
Vendo no tôpo do Sagrado Alcaçar  
Hum novo Monumento estranho, e raro.  
Sobre o cume do Monte bi-partido,  
(Divinal Escultura!) huma soberba  
Aguia caudal estende as pandas azas,  
E acena de elevar-se aos Ceos serenos.  
Aureo Busto descubro em aurea base,  
Da Fama pelas mãos lavrado, e posto.  
Ella mesma, embocando aurea Trombeta,  
Nos mais remotos angulos da Terra  
Faz ouvir, e adorar hum nome: „ Ao Tasso. „  
De Homero, e de Virgilio hum pouco abaixo  
Em bronze via os respirantes vultos,  
Tanto pôde o cinzel! Parece olhavão  
Com sincero respeito a Aguia sublime,  
Que mais que elles ao Ceo remonta os vôos.  
Esculpida na base a Arpa divina,

Donde os sons extrahio Divino o Vate,  
Com que em todos os seculos só elle  
Eterna fez Jerusalem terrena.  
O' grande, unico genio! Oh! Quem podéra  
Aproximar-se a ti nos sons cadentes,  
Com que do mar ao Vencedor consagro  
Não inglorio Troféo, que aos Evos mostra  
Talvez do humano esforço a mór façanha,  
Destinada do Ceo somente aos Lusos.  
Em seu regaço o tem Filosofia.  
Do humano coração ninguem mais que elle  
As sombras penetrou, e expoz a lide  
Das humanas paixões tumultuosas!  
Os pinceis de Le Brum não são mais fortes,  
Quando as batalhas de Alexandre pinta,  
Se no duéllo de Tancredo, e Argante  
Odios, furias, amor retrata, e mostra;  
Ou chora de Clorinda o fado, e morte,  
Da terna Erminia as lagrimas, o luto,  
De Reinaldo o valor, de Armida as Artes;  
Quando no Carro por Dragões puchado  
No extenso espaço liquido dos ares,  
Ao encantado Vergel conduz o amante:  
Elle que ao fero Saladino o elmo,  
E diamantino arnez fende co'a espada,  
Em molles braços recostado deixa,  
Que huma seta de Amor lhe vare o peito.  
Desta luz ao clarão, que o Templo enchia,

D'Anglia, e vasta Germania os Sabios vejo;  
Alli d'Hobbes descubro a imagem triste,  
Que no Dedaleo labyrintho entrava,  
Em que involvida humana Sociedade,  
Nem toda se nos mostra, ou toda esconde,  
Julga que o nosso primitivo estado  
Ao homem natural fôra o da guerra:  
Paradoxo, que arrasta, e que deslumbra  
O Genebrino, fluctuante Sabio,  
Que os homens aborrece, os homens busca;  
O estado insocial dos brutos louva,  
E mendiga nos aureos alizares  
O pão dos Grandes, o sorriso delles;  
Amargo como o fel, vil como o lodo.  
Ah! Que se esquiva aos sons melodiosos  
Da Lusa Poesia o accento agreste  
Da Lingua do Tamisa, e do Danubio!  
Foge ao compasso, e magica harmonia!  
De Cumberlande, e Coduvorth, e de Hume  
Alli descubro os magestosos Vultos;  
Desse, que tanta luz nas sombras lança  
Do Baixo Imperio nos Annaes confusos,  
O penetrante, e circumspecto Gibbon;  
Profundo, e novo Tacito assignala  
A's humanas acções principio, e causa;  
E ás virtudes dos Reis, dos Reis aos crimes,  
Com caracteres immortaes, levanta  
Alto padrão nas paginas da Historia,

De amor, e de aversão tributo eterno.  
 De Salustio rival, seguindo ao perto  
 Do eloquente Amiano a Luz, e o Genio;  
 E da gelida Escocia o timbre, e a gloria,  
 Que na eterna Metrópole do Mundo,  
 A eterna paz de hum tumulto quizeste,  
 Sobre-humano Braclay, de assombro cheio,  
 O teu profundo entendimento acato.  
 Dos Palacios dos Principes té agora,  
 Os intricados cegos labyrinthos,  
 Tu mais déstro que Dédalo devassas,  
 Co'a ficção mais feliz, com aureo estilo,  
 Qual magestoso Tullio, ou qual Petronio,  
 Mais que Petronio na pureza, e graça.  
 Argénis! Poliarco! Oh portentoso  
 De meus queixumes balsamo suave!  
 Nos trances mais crueis da infausta sorte,  
 Foste a meu lado luz, remedio foste!

Vejo o frio Danubio, o grão Bruckero  
 Nascido foi para illustrar o Mundo:  
 Dêo-lhe os Annaes da Sapiencia humana.  
 Mais do que o Sabio de Estagira escuro,  
 Mais do que fôra Lycofronte o Vate,  
 Vejo a Kant taciturno, ou vejo o Enigma  
 Não decifravel, não, a Edipo em Thebas.

Do Prusso Lidador, Monarcha, e Sabio,  
 O Amigo, o Mestre, a Luz, a Gloria, e tudo,  
 Mendelson subtilissimo apparece!

Não subio mais Platão, quando do Bello  
Perfeito no Ideal co'os Sabiós dava  
Na douta Athenas o exemplar sublime.  
De Lusitanos Pais Mendelson Filho,  
Como o Bátavo Hebreo, tão raro engenho,  
Com elle huma substancia em Deos só vira:  
Infinita extensão, e os modos varios,  
Membros de hum corpo só, mas infinito.  
Do Preceptor de Nero este o delirio!  
Tem limite o vastissimo Oceano,  
Intransgredivéis a Razão tem marcos,  
Nem pode, além dos quaes, dar mais hum passo.

De ti, Filosofia, ávido amante,  
E lembrado do Tejo, em teu Palacio  
Os filhos tens, do Tejo habitadores.  
N'hum throno igual, ou superior a muitos,  
Vi collocado o portentoso Nunes.  
Astros, Astros do Ceo prende-vos este.  
O subtil instrumento he obra sua,  
Que desde a Terra ao Ceo mede a distancia;  
Do maior dos mortaes nas mãos o entrega  
O Nauta Portuguez, Senhor dos Mares,  
Que he ser delles Senhor dar volta ao Globo,  
Sem outra guia mais que esforço, e honra,  
E a vingança tambem, mas d'huma afronta;  
Inda he mór bem que a vida esta vingança!  
Cook sem elle não podéra a Terra  
Tres vezes rodear no ousado pinho,

Prendendo a arbitrio seu na excelsa pôpa  
 O vário assopro de inconstante vento;  
 Pondo a prôa na gloria, ou nella entrando,  
 Já vendo nella o Portuguez primeiró;  
 Immortal Magalhães, tu nos meus Versos  
 (Se tanto poder tem) terás o premio,  
 Que a teu merito nega a Patria ingrata;  
 Se a antiga Roma te gozára, ainda  
 Em seu Circo se vira a Estatua tua,  
 Como inda vemos do Septimio o Arco,  
 De Marco Aurelio o Equestre Monumento!

Eu não deprimó o merito, o talento.  
 Naquelle eterno domicilio estavam  
 Da Gallia florentissima os prodigios,  
 Que ha pouco tempo vira a Idade nossa,  
 Que o furor contumaz, e impias idéas  
 De igualdade quimerica levárão  
 Ao Cadafalço, victimas da morte.  
 Venerando Bailli curvado ao peso  
 Da longa idade, que hum Tyranno acaba  
 N'hum Patibulo vil, e assim fenece  
 O Sabio, o profundissimo, eloquente  
 Da Sciencia Astronomica Analista,  
 Que o Mundo enchêo de luz, de gloria a França.  
 Alli vejo Sonini, a quem Fortuna,  
 Por vingar-se dos dons da Natureza,  
 Pobre na vida fez, na morte inglorio,  
 Que até lhe nega as honras do sepulchro.

No Cadafalço infame expira o filho  
Do sublime Pintor da Natureza,  
Sobre-humano Buffon, que alli fulgura;  
Não tem na base fulgida esculpido  
Outros symbolos mais da gloria sua,  
Que não seja o seu nome, elle só basta;  
Diz mais que a Historia, e mais que a Poesia.  
De longe erguendo o braço, o Busto mostrão  
Valisneri, Aristoteles, e Plinio.

Além do vasto procelloso Oceano  
Eu descubro a Franklin, que involto em nuvens,  
Ou de Jove nas mãos apaga o raio,  
Ou divergente o faz do trilho usado.  
Entre os feros Demócratas do Tibre,  
Com Bruto, e Cassio o Sceptro arrancaria  
A Cesar oppressor, e elle primeiro  
Talvez no peito o ferro lhe embebêra,  
Golpe, que hum jugo poz no collo a Roma,  
Mais pesado, e mais vil que as vís cadêas,  
Que lhe lançára o Dictador soberbo.

De Prussos vejo o Busto, o nome he grande,  
Ou barbaro talvez não cabe em Versos;  
Aurea lingua do Tejo em vão procura  
Em seus cadentes numeros suaves,  
E na Lira ajustar, que a Grega imita,  
Os acres sons dos Hyperboreos nomes.  
Mas não faz dura a metrica Harmonia  
O teu nome, ó Lineo, inda que o berço

Te dêsse a agreste, e fria Escandinavia.  
 Alli vejo o teu Busto, alli cingida  
 A frente tens de peregrinas Plantas,  
 E tu, qual novo Adão, dás nome a todas.  
 Hum ramalhete de purpureas Flores  
 A Europa, a Lybia, a America te off'recem.  
 Asia de tantas maravilhas chêa  
 Das margens do Mecôn, do Ganges, do Indo  
 Grinaldas te prepara, e t'as enastra,  
 Tão bellas, quaes as pinta o China astuto;  
 Ceilão entre seus balsamos as tece,  
 E o suave vapor, que Aurora exhala  
 Lá no berço onde nasce, e espalha rosas,  
 Em dourados thuribulos te envia.  
 Não tiverão os Reis tributos destes;  
 Ao Poder se negou, dêo-se á Sciencia.

Com tanta luz attonito, suspenso,  
 Volvo os olhos de hum lado, e bem no meio  
 Do Templo augusto hum Monumento estava;  
 Por argenteos degráos s'avança, e sobe,  
 Mas com trabalho, a bāse alabastrina.  
 Alli sentada Experiencia estava;  
 Eu prompto a conheci no rosto antigo,  
 Na longa veste, e tarja diamantina,  
 Em que esta li gravada aurea sentença:  
 „Das cousas Mestra sou, dos Homens Mestra.“  
 N'hum Quadrado geometrico se assenta  
 O venerando Altar, e em cima posto

Vi como hum vaso de alabastro puro,  
Que não de Fidias o cinzel abrira;  
Teve artifices dous, o Estudo, e o Tempo.  
Do seio lhe rompia etherea chamma,  
Que, ante o Nume brilhando, aos Ceos subia.  
Inextinguivel Lampada, que aumenta  
Mais e mais o clarão, quanto mais voltas  
Dá na roda dos seculos o Mundo.  
Ao Numen se alevanta excelso Throno,  
Mais que os rubins precioso, e mais segura  
Materia tem, que o solido Diamante.  
Tem cheio o rosto de viveza, e graça,  
Que em nossos corações chammas atêa  
De hum sobre-humano amor, que alma nos prende.  
De estatura commum se me antolhava,  
Mas logo a vi subida até co'a frente  
Ir topetar na abobada do Templo.  
De fios subtilissimos tecidas,  
Mas de materia indissoluvel, erão  
As vestes, que ella traja, e que formadas  
Forão por ella mesma, obra pasmosa,  
Que do candido pé ao collo eburneo  
Fórma diversos grãos: hum véo sombrio  
(Por mão proterva lacerado em parte)  
De negra antiguidade a envolve toda;  
Nas mãos tem livros de diversas linguas,  
Sustentando tambem dourado Sceptro.

A' minha Conductora, excelso Numen,

Me curvo humilde, a Magestade acato.  
Titubeante, e trémulo, desta arte  
Erguendo a voz hum pouco, então lhe exclamo:  
O' tu do Estudo emprego, ó Madre excelsa,  
Da intelligenciá dos arcanos todos,  
De que he fecundo o Ceo, fecunda a Terra.  
Tu da verdade indagadora, e facho  
Luminoso da vida! O' tú do vicio,  
Tu da ignorancia, rispido flagello;  
Tu, que és tudo ao mortal, que és luz, que és vida,  
Ante teus olhos me conduz Fadiga:  
Misero Vate eu sou, no peito acolho  
Desejo de saber, sempre affanoso;  
Apoz a imagem da Verdade eu corro;  
Mas alma involta em sombra, e deslumbrado,  
Enigmas obscurissimos diviso,  
Nunca rasgada escuridão de arcanos.  
Sentir, não perceber, a herança he esta,  
Que aos miseros mortaes deixára hum crime.  
Mas qual te vejo, ó Numen, que orgulhosos  
Amadores te cercão! Que ignorantes  
Do acatamento, que a teu lume immenso  
Devêo sempre guardar o engenho humano!  
Deve qual pobre limpido regato,  
A quem agua não dêo caudal torrente,  
Correr tranquillo, e murmurar nas pedras;  
Ao Pastor innocente, á Ninfa ingenua,  
Objectos de prazer offerecendo.

Mas o desejo audaz, e o louco orgulho,  
O torna rio ímpetuoso, e bravo;  
Soberbo, ufano vai d'agua não sua;  
Eis se despenha qual torrente Alpina,  
Os campos cobre turvo, e furioso,  
Comsigo leva o gado, e leva os troncos,  
Leva o Pastor, e a misera choupana,  
Té que cesse do ar chuva fecunda,  
E, serenado o Ceo, primeiro orgulho  
Então depõe, deixando a marge enxuta.

Mais quizera dizer, mas o Grão Nume,  
Fitos em cuja frente eu tinha os olhos,  
Sorriso divinal soltou dos labios,  
E, doce voz alevantando, exclama:

Podem, meu filho, eternisar no Mundo  
O mesquinho mortal meus dons sublimes,  
E as idéas altíssimas, e claras,  
Que com mão déstra na sua alma imprimo:  
Comigo, e o sentes tu, do peso humano  
Se livra, e se desfaz o entendimento,  
A's regiões mais altas se remonta;  
Comigo sobe aos Ceos, comigo entende  
Mysterios profundíssimos, e entra  
No seio occulto d'alma Natureza.  
Essa eterna Razão por mim conhece,  
Que se descobre, que fulgura em tudo,  
Quanto descobre o Ceo, quanto na Terra  
Nossos olhos attonitos contemplão.

A que mora no germe, occulta força,  
A que a tudo dá fôrma, e dá figura.  
Por mim vai conhecer a origem d'alma,  
Qual tenha em corpo humano assento, e throno:  
A que fim se encaminha, e quaes s'encontrem  
As desgraças, ou bens na incerta vida.  
Perfeita mostro a máquina do Mundo,  
E da Verdade ao Templo os homens levo,  
Se ingenuos apoz mim seguem meus passos,  
A conhecer reconditos principios  
Das cousas, e seus grãos, seu tempo, e marcha,  
Que ás cousas tem marcado a Mão do Eterno,  
Deste Nume Immortal lhe aponto a Essencia,  
Que Elle faz conhecer nas obras suas,  
Alto clamo aos mortaes, que lhe obedeção  
A' Lei, e Ordenação. Eu só lhe ensino  
A dar justo valor, dar justo apreço  
Ao que falso se mostra, ou verdadeiro.  
Se o prazer, a que he mixto o pranto, a mágoa,  
O pungente pezar, que he tardo sempre,  
Os homens sabem condemnar, eu mesma  
Lhe inflammo o coração, lhe aclaro a Mente.  
He meu proprio este dom; por mim descobrem,  
Que he só feliz na Terra, he Sabio, he Grande  
Quem se domina a si. Guia incorrupta  
He minha luz nas sendas intricadas,  
Por onde a vida humana incerta corre,  
Ignara de seu fim, da origem sua.

Eu primeiro lhe mostro, eu lhe preparo  
No Templo da Virtude excélsio assento;  
Do Christianismo hum Mestre, hum Sabio, hum Grande,  
De Alexandria nas Escolas doutas,  
Da Eterna Luz aos homens revelada,  
Pedagoga me chama; e o sou por certo,  
Pois eu co'a luz da simples Natureza  
Levo os Mortaes á crença de Mysterios,  
Que á Razão não s'oppõe, mas são mais altos;  
Tem por base segura Omnipotencia,  
Que tão visivel se mostrou na Terra.

Mas eu volto contigo ao Templo augusto,  
Que inda que erguido o vês, não he remoto  
Da terrea habitação do engano, e minha.  
Olha, admira, contempla a excelsa móle,  
Ella he d'honra immortal o alto ornamento,  
Que eu mesma á Gloria levantei, com ella  
Dos Pontifices meus premeio as obras,  
E lhes eterniso o nome excélsio, e grande.

A Deosa immudecêo; á dextra eu volvo  
(Nunca confuso assim) trementes olhos;  
E no meio da luz brilhante, e pura  
Soberbo alçar-se Monumento vejo;  
Nelle gravado estava o nome illustre  
Do tão profundo, e portentoso Newton,  
N'hum Pórfido immortal, que nem de Augusto,  
Ou no Tibre cobrio geladas cinzas,  
Ou do grande Pompeo fechou no Nilo

Restos, que aos olhos merecêrão pranto,  
E ao peito a dor do triunfante Cesar.

Depois que vezes mil na estranha, e grande  
Móle fitei maravillhados olhos,  
Por longo tempo absorto, contemplando  
Aquella d'alto engenho obra estupenda,  
Ao Britanno immortal sagrei com votos  
Sincero o coração, minh'alma ingenua;  
Este o feudo da estima, e do respeito,  
Que eu primeiro paguei, Nação soberba,  
Que aspiras a empunhar no vasto Oceano,  
Sem conhecer rival, o azul Tridente.  
Mas eu sou Portuguez, e armas não podem  
Alhêas deslumbrar-me; eu vejo as Lusas  
Hum Throno levantar no acceso Oriente,  
Antes que armados torreões mandasses  
Dos mares devassar remotos seios;  
Nunca chegaste, nunca á plaga impervia,  
Que no gelado Antartico s'esconde,  
Sem que em Padrões de perennal memoria  
Visses o nome Portuguez gravado,  
E nos muros, ond'hoje ao ar despregas  
Com tanto orgulho a triplice bandeira,  
O Pendão Lusitano alli primeiro.  
Eu não te invejo sórdida avareza,  
Sagrada fome d'ouro, a quem somente  
Sabes sacrificar renome, e gloria,  
A' industria maquinal querendo o Globo

Sempre sujeito vêr, e escravo sempre.  
Se de Safiras atulhados cofres,  
Fios de brancas Perolas, Bisalhos  
Dos tão buscados, fulgidos Diamantes,  
Se os accesos Rubins d'Asia recebes,  
Já d'Asia hum Portuguez trouxe mais q'isso;  
Do Indo, Hidaspe, e Gange as aguas trouxe  
Dentro em barro Chinez, e era Ataíde.  
Será maior teu Rodney, ou teu Nelson?  
Nem teu Monke he maior, se o Sceptro enjeita,  
Firmando o Diadema em Regia frente.  
E's grande para mim, porque em teu seio  
Bolimbroke apparece, Addison, Pope;  
Apparece Bacon, Milton tactêa  
Arpa tocada só de Hebreo Monarcha.  
Em ti tiverão berço Locke, e Tompson,  
Boile, Derhan, que a Natureza indaga,  
E lhe arranca do seio altos mysterios!  
Richardson tambem, que abre, e franquea  
Do humano coração sacrario occulto,  
No labyrintho das paixões deixando  
Sempre hum seguro fio á Mente incerta  
Entre profundas carregadas sombras.  
He esta a fonte de respeito, e estima,  
Que eu Vate, que eu Filosofo consagro  
A ti, grande Nação, soberba, e forte.

## CANTO TERCEIRO.

TINHA ficado em extasis profundo  
N'alma volvendo o Monumento augusto:  
Desta abstracção maravilhosa surjo,  
Da Fadiga ao clamor levanto os olhos,  
E vejo de repente em lédo aspeito  
Dous vultos feminís de estranha fórma:  
Hum nos hombros sacode argenteas azas,  
E sustenta na mão dourada Tuba:  
Vi que era a Fama, que immortaes Escriptos  
Do Britanno pasmoso aos Ceos erguêra;  
Outro era a Gloria, que os sustenta, e guarda  
Do ferreo pé dos seculos vorazes.  
Destes Numes he obra, he maravilha  
O excelso Cenotafio. Aos pés sentada  
A Virtude admirei simplice, e nua,  
Ella serve de base á Móle egregia.  
Alli, rasgando as sombras do futuro,  
Com clara voz me diz Mente presaga,  
Que saberão no Mundo os tardos Netos,  
Que eu no Mundo existi, que no meu peito  
Cahio em turbilhões Pierio fogo.  
De huma materia original extractos,  
Dous pedestaes estão, que no encendrado

Ouro conservão symbolos' diversos;  
Servem de base a lucidas columnas.  
No meio huma Pyramide s'eleva,  
Mostrando em seu triangular remate  
Do fogo, e clara luz o assento, e throno,  
Qual d'entre os Gregos o mais douto o mostra,  
Crendo que deste fogo a alma era chêa,  
Que qual laço entre si sustenta, e prende  
Incorporea sustancia ao corpo inerte;  
Metaphisico abysmo, e nexo ignoto  
A' debil luz de humano entendimento.  
Daquelle fogo cópia interminavel  
De Mónadas sahio, qu'inda hoje o Astro,  
Que o dia nos conduz, do seio espalha  
Esse immenso esplendor, que Luz se chama,  
E que á voz do Immortal brilhou primeiro.  
Do Soberano Artifice foi este  
Corpo de Luz a mais formosa, e bella,  
Que visiveis nos são, das obras suas.  
Excede a nossa intelligencia, excede  
A sua rapidez; correm velozes  
Do fogo estas particulas, e passão  
Dos Ceos a immensidade, em toda a parte  
Se diffundem no ar; destas pequenas  
Porções de clara luz tem lume os Corpos,  
Sempre impellido vai, vibrado sempre  
(Continua undulação) primeiro raio  
D'outro, que delle apoz o Sol despede.

Diante da Pyramide sublime,  
Entre as columnas s'elevava ingente,  
Firme, segura base: Ordem Toscana  
Com magestade adornos lhe formava:  
Esculpido alli vejo o teu grão nome,  
Profundo Galileo; tu preço, e gloria  
Da Etrusca Sapiencia, e nobre timbre,  
D'alma Cidade, que em seu gremio ouvira  
Os magos sons da Cytara suave,  
Que fez Laura immortal; que ouvira outr'ora  
Da bôca de Ficino auri-eloquente,  
Do mistico Platão mysterios fundos.  
Onde a Luz respirou mortal ditoso,  
Que ao descoberto, inculto, ignoto Mundo  
Seu proprio nome dêo, e ind'hoje vive.  
Immortal Galileo, devem-te os Sabios  
Da Terra aos Astros o caminho aberto,  
Qual deve a Magalhães o Nauta a senda  
Na vastidão do Mar nunca rompida.  
He teu braço somente, he gloria tua  
Avisinhar as lúcidas Estrellas  
Deste globo da Terra, e quasi ignoto  
Nos espaços sem fim, e onde espalhados  
Por mão d'Omnipotente os Mundos girão;  
E se o Toscano Ceo d' Astros he cheio,  
Que ao throno Medicêo docel formárão,  
O teu engenho inaccessivel abre  
Nova estrada ao Saber; Britanno illustre

Por ella foi erguer obra admiranda,  
Que consagrada á lúcida Verdade,  
Da proterva ignorancia o orgulho opprime.  
Immortal Galileo, ao dia, ás Luzes,  
Que teu saber profundo aos homens trouxe,  
Se oppoz a cega audaz insipiencia;  
Inda agora se oppõe, qu'hum véo sombrio  
Tentou no Sena despregar-te em cima.  
Se o fóco do Saber, a Italia culta  
Ao portentoso Galileo não dera  
O berço, e tambem carceres, e ferros,  
De louros immortaes, por certo a frente  
Não cingira Britannia, e a Galia menos,  
Co'os filhos, seu brazão, Newton, Des-Cartes,  
Que o compasso geometrico empunhando,  
Da Natureza os porticos abrirão,  
Ao calculo prendendo as Leis do Mundo.  
Dos lados, sobre a base alta, e segura,  
Da pesada Magnéte, eu vi dous globos;  
Da Magnéte, mysterio indecifavel,  
Que inda em distancia igual conserva o Sabio,  
E o vulgo embrutecido inerte, e rude.  
Virtude de attracção nella reside;  
Se a mente a não conhece, a vista a sente:  
Pegando, unindo a si (constante arcano!)  
Esse metal cruel, sagrado a Marte,  
Que he nas mãos dos mortaes rival do raio,  
E mil vezes o Globo afoga em sangue.

Esta ao Mundo proficua , ignota força ,  
De teu continuo meditar foi obra ,  
O' Genio do Tamisa , este prodigio :  
Elle , ó Genio profundo , a teu Systema  
A base foi lançar , e abrio caminho.  
Elle a prova te dêo , nelle encontraste  
Reciproca attracção dos Corpos todos.  
Força de antigos évos ignorada  
Foi attracção reciproca , e foi sempre  
Centri-fuga , e centri-peta esquecida ,  
Com que estranhos fenómenos s'explicão.  
Em seu lugar as gárrulas escólas  
Sonhárão nome occulto , occulta força :  
D'odio , e de amor combate , e guerra eterna ;  
Horror do vacuo , e qualidade ignota.  
N'hum dos Globos está gravada em ouro ,  
Por mão de Ptolomeo , a etherea esfera ,  
A' qual d'ambito immenso a Terra he centro ;  
Acima della brilha argentea Lua ,  
Que o nocturno clarão do Sol recebe.  
O Mensageiro dos celestes Numes  
Muito acima fulgura ; e essa que teve  
Clara belleza , o berço n'Oceano ,  
No que he terceiro Ceo caminha , e brilha ;  
Precede o dia , quando nasce ; e surge ,  
Quando o disco do Sol no mar se atufa.  
D'aurea luz coroadó , e ardentes raios  
O Sol succede : e se descobre Marte ,

Rodando n'outro Ceo, sanguineo, e torvo.  
De Jupiter o Globo immenso, e claro,  
E n'hum remoto circulo caminha.

Inda além delle vagaroso, e frio  
Vai do antigo Saturno o frôxo raio.  
Immóveis pontos, trémulas Estrellas  
No cristalino assento immoveis brilhão.

Obra do grão Copérnico descubro  
N'outro Globo esculpida immensa esfera;  
Della he Sol luminoso immobil centro,  
Que tão proximo a si Mercurio observa,  
Que immerso em sua luz se mostra á vista.  
Vai n'hum Carro apoz elle a Cypria Deosa,  
Roseos freios batendo ás alvas Pombas,  
Mais bello, e luminoso entre os Planetas;  
E n'outro Ceo mais alto a escura Terra,  
Como os outros rodando o giro absolve;  
Nem centro já do Planetar Systema,  
Como fôra até alli julgada, e tida;  
Da Lua seu Satellite escoltada,  
E de seu curso variante he centro.  
Em sua rotação do Sol em torno  
Nos traz as Estações, nos marca o tempo.  
Das feras armas lugubres o Nume,  
A quem tanto tributo em sangue, e luto,  
E até paga com lagrimas a Europa,  
Roda depois da Terra, e depois delle  
Vai de quatro Satéllites seguido

De immenso corpo o luminoso Jove;  
Luas, que observa Galileo primeiro,  
Fanaes ao Nauta são no vasto Oceano;  
E do tardo Saturno a ingente móle  
De variante annel cingido avança,  
De sete Luas gira acompanhado.

Profundo estudo architectou tão bella,  
Tão engenhosa máquina prestante;  
Entre os gêlos Sarmaticos levada  
A' maior perfeição; pois já n'antiga  
Idade a vio sahir absorto o Mundo  
Das mãos do sabio escravo do eloquente,  
Entre os Romanos o maior, que he Tullio,  
A quem, deposta a Consular soberba,  
Se dignou de escrever, chamar-lhe amigo.

Sobre estes Globos se sustenta, e firma  
A urna sepulchral mais nobre, e rica,  
Que essas, que encerrão pelo turvo Nilo  
As immortaes Pyramides soberbas,  
Architectada, e repulida brilha  
De Prisma em fórmula, e de materia ignota,  
Mais brilhante que o lucido Diamante,  
E que o Rubim mais solida, e segura.  
Não folhagens de Acantho, e de Cypreste  
Alli poz Escultura; em vez de enfeite,  
Em vez de tristes symbolos da Morte,  
Só gravou Mathematico Instrumento,  
Com que medir dos Ceos a immensa estrada

Usa Idéa Astronomica sublime.

De negro Paragom moldura observo;

Que em si contém de Isac a imagem viva:

He relevada em fulgida Esmeralda:

Parece que inda volve, e que inda alonga

Os claros olhos aos remotos Astros,

E que luz Filosofica respirão;

E tanto ao vivo está, tal arte a fórma,

Que, se a vista acredito, eu cuido ainda,

Que sólta a doce voz, que os labios move.

Vi que o relevo portentoso, e raro,

Sustido era nas mãos de hum Genio illustre,

A quem dêo berço d'Adria a Grão Rainha,

Que escrava vimos ser de escravos feros,

E que hoje as Aguias do Danubio empolgão.

Genio, que objectos da terrena estima

Aos pés soube calcar, e além subindo,

Onde o fragil mortal mui raro chega,

Teve ao lado virtude, e teve o gosto,

Que esse bello ideal nas Artes busca.

O Vate de Venosa; ou vence, ou segue:

Em sua alma sublime ás Musas dada,

Digno alvergue encontrou Filosofia.

Pelas veredas do Saber caminha

De Newton ao farol brilhante, e puro,

Caro ao Rei, que juntou com laço estreito

De Minerva, e de Marte o Genio, as Artes,

A pacifica Oliva ao Louro ajunta:

Sabio Monarcha , que estendeo vivendo  
Mão bemfeitora ás Musas desvalidas ,  
Ao lado , como amigo , os Vates senta ;  
E no potente Reino ás armas dado ,  
De Augusto fez raiar dourados dias :  
Soube honrar Algarotti , ó fausto nome ,  
Tão doce , e grato ao sexo lisongeiro !  
Mil vezes une formosura , e letras !  
Da nivea mão , travando-lhe , o dirige  
Pelas arduas do calculo veredas ,  
Ensinando-lhe a vêr sem nojo , e pena  
Os labyrinthos das traçadas Linhas ,  
Nos cubos , nos triangulos de Newton.  
Tem nas mãos do Filosofo o relevo ,  
Que ao vivo representa , ao vivo exprime  
Do grande Explorador da Natureza  
O respirante , magestoso vulto.  
Sobre a moldura superior s'estendem  
As azas fulgentissimas do Genio ,  
Da tão difficil Optica pasmosa ,  
Com septemplice luz se expandem bellas ,  
Que as côres todas primitivas guarda.  
O corpo formosissimo se cobre  
De hum sendal claro azul , qu'estrellas bordão.  
Na dextra mão sustenta huma grinalda ,  
De pedraria Oriental composta ,  
E acena de eingir com ella a frente :  
Na esquerda mão sustenta os luminosos

Cristaes em Lentes, que afeiçoa, e pule  
Co'as doutas mãos Filosofo tranquillo,  
O Portuguez Hebreo no Hollanda escura,  
Que a vil lisonja desprezando ufano,  
Banha o pão com suor, trabalha, e vive.

D'aurea madeixa hum raio o Genio expande,  
Que composto de mil fulgura ao longe;  
Resulta deste a côr candida aos olhos.

Da urna sepulchral no seio o raio  
Se refrange instantaneo, em parte opposta  
Quadri-longo se vê, posto que fosse  
Esferico ao sahir da Origem sua.

Diversos grãos, e proporção distincta  
As cores entre si guardão, conservão.  
A brilhante escarlata occupa o fundo,  
O laranja o meio, e qual no Goivo  
O amarello se mostra, alli campêa:  
O verde então se vê, que enroupa as plantas;  
Vegetação Rainha assim se ostenta

Este o Manto Real no vasto Imperio,  
Com elle se atavia, e o Mundo enfeita.  
Do azul, que forra os Ceos, o Indico he perto.

Da Saudade o magoado aspecto,  
Matiz da Violeta, eis brilha o rôxo.

Escala harmoniosa, e della em torno  
De huma composta côr listões s'estendem,  
Que outros compostos gradativos formão,  
E adornos são do Mausoleo soberbo.

Combinação das refracções diversas  
 Da portentosa luz nos corpos varios,  
 Da Eterna Sapiencia apuro extremo;  
 E n'hum Rubim, com déstra mão gravado,  
 Este não visto Oraculo se admira:

„ *Em suas Leis involta a Natureza,*  
 „ *Como em escuros véos permanecia;*  
 „ *Chama Newton á vida a voz do Eterno,*  
 „ *O que era noite se converte em dia.*

Do Monumento augusto em torno vejo  
 Tres respeitaveis magestosos Vultos;  
 Hum veneravel Ancião co'a frente  
 Lisa, e serena, os olhos elevados  
 Aos claros Ceos, aos Astros rutilantes,  
 Crê que habitados são, que a argentea Lua  
 He como a Terra povoada, e cheia  
 De semoventes animados Seres,  
 Do Ente pensador tambem morada;  
 Fontenelle se diz, co'a mente accesa  
 Mundos acha sem fim no éther immenso;  
 Outro em confusos vórtices levado,  
 No centro d'hum depara o Sol brilhante,  
 Em seu giro assignala o moto aos Astros.  
 Tem sobre o Cenotafio os olhos fitos,  
 O simulacro observa, e mudo adora.  
 Entre estes ambos Maupertuis deviso,  
 E sobre hum Globo estende aureo compasso  
 Involto em cerrações do algente Pólo,

Geómetra sublime, os grãos lhe mede.

Sobre tudo alli pousa a Eternidade,  
De insupportavel Luz clarão diffunde,  
Em que a vista se perde, e se deslumbra,  
Se fita encara o pelago profundo.

Eternidade, Eternidade! Abysmo,  
Onde nunca jámais tocára a sonda  
Do limitado entendimento humano!

Eternidade, que limite ignora,  
Onde nem antes, nem depois s'encontra!

Eu contemplava o Monumento excelso,  
Naquelle Templo consagrado á gloria  
Deste mortal pasmoso, que escalára  
As muralhas altissimas, aonde  
Inexplicavel Natureza guarda  
Os seus arcanos dos mortaes aos olhos.

Destes accesos extasis me arranca  
A Fadiga outra vez. Conserva, ó filho,  
Dentro d'alma gravado isto que observas,  
E quando em vôos rapidos desceres  
A' tão mesquinha habitação terrena,  
Aos transportados homens o annuncia:  
Vai declarar insolitos prodigios,  
Na Móle sepulchral symbolisados;  
O Mundo existirá: Newton sublime  
No Mundo existirá, té que elle fique  
Na espantosa catastrophe em ruinas,  
Seu throno erguendo sobre a immensa, e clara

Luz, que só elle dividio na Terra.

Eis se esconde a Visão, eis foge o Templo,  
E se esvaecem subito as Imagens;  
O mesmo monte s'escondeo; vapores  
Levantados em torno á vista enferma  
Sobre mim denso véo de nuvens formão.  
Da escuridão no centro me parece,  
Que rompe o dia, que me chama ao duro,  
Lagrimoso trabalho, herança minha,  
N'hum absoluta escuridade inglorio,  
Deixado á reflexão, e á Natureza,  
Sem murmurar do Ceo, que assim lhe aprouve,  
Em doce paz o tumulto esperando,  
Pouco distante já, nelle s'encontra  
Diamantino pavez, que os venenosos  
Tiros da Inveja livida não várão.  
Claro Sol da existencia o ocaso toca;  
D'entre nuvens já lança huns debeis raios.  
O Mundo s'escurece, os horisontes  
De dubia luz o resto apenas guardão.  
Junto a mim vejo o féretro, já chega,  
Eu da noite infinita as sombras entro.  
Foi pouco o que passou, nada o que resta:  
As pulsações do coração se afrôxão:  
Dos labios vai fugir suspiro extremo.  
Foi-me a Terra madrasta, ingrato o homem.  
Somente Cidadão fui do Universo,  
De humana especie incognito individuo:

Contemplação profunda, alto silencio  
Minha partilha foi, fructo ignorancia,  
Mas sem que a vil lisonja hum pão mendigue;  
Nem aos soberbos Porticos dos Grandes  
A dependencia guiará meus passos;  
Nem vergonhosa supplica aos ouvidos  
D'hum homem meu igual levei té agora.  
Falte em que pôr os pés mesquinha terra,  
Injusta collisão d'almas obtusas,  
Abjectos vermes na Sciencia, em tudo,  
Mas grandes na ignorancia, e na impostura,  
Me procure azedar cadentes dias;  
Nem duro, e negro pão banhado em pranto,  
E obtido com suor, me escore a vida,  
Nem tenha onde evitar (paredes nuas)  
O rigor da estação, do tempo a injuria:  
Faltem-me sete pés de terra ingrata,  
Onde o frio cadaver se me esconda;  
Nem abatido o espirito, nem triste,  
Nem turvo o rosto me verão no Mundo:  
N'huma, e n'outra fortuna equilibrado  
Do Estoicismo rigido na Escola  
(A que meu nome dei, e a vida gasto)  
Este axioma sem cessar escuto:  
„ Dos males todos o menor he morte. „  
Só chamo minha a morte, a força armada  
Dos poderosos Déspotas da Terra  
Não ma podem tirar: a morte he minha;

E pois devo morrer, sou grande, e livre,  
Sou nobre, independente, e sou ditoso;  
Se em meu estudo ha fructo, o fructo he este.  
Nem transitoria vida he bem, que valha  
De huma vileza só, de hum vicio o preço.

Mas em quanto este circulo não fecho,  
Breve entre o berço, e tumulo, desejo,  
Ingrata Patria, engrandecer teu nome,  
E qual foste mostrar-te ind'hoje ao Mundo.  
Neste seculo infausto á paz negado,  
Em que tudo s'esquece, excepto o crime,  
Nisto medito só, nisto trabalho.  
Neste seculo infausto, e nesta luta  
Vertiginosa das paixões, dos erros,  
Que das cousas mudára essencia, e nome,  
Que á dura escravidão, e aos ferros duros  
Se chama liberdade, e chama estado  
Da simples, pura humana Natureza;  
Que espirito servil se chama á gloria,  
Que o Varão Portuguez mostra nos feitos,  
Com que o Throno defende, a Patria escuda.

Menos barbaro foi por certo o tempo,  
Em que do Pólo Aquilonar rompendo  
Fero Ataúlfo, e Genserico veio  
Despedaçar dos Cesares o Throno;  
He Theodorico barbaro; mas surge  
D'entre a sombra hum clarão, Cassiodoro,  
Dá-se apreço ao Saber, respeito ás Musas,

São Filozofos Simaco, e Boécio,  
Da Eloquencia Latina inda o thesouro  
Conserva Apolinar, sustenta Ausonio.  
Athenas, transplantada á foz do Nilo,  
Da Grega Sapiencia o brilho exalta.  
Mas agora!... Oh! Com lagrimas aumento  
Do Patrio Rio a turbida corrente....

Lutos, revoluções, guerra, ignorancia!!  
Porem eu torno a mim, no eterno Templo  
Co'a fantasia fervida me entranho,  
Onde as imagêns resplendentes via,  
E que absorto contemplo, absorto admiro.

Quanto ao Britanno illustre as Artes devem!  
Que cousa seja a máquina do Mundo,  
Somente o seu Auctor conhece, e sabe,  
Que espaço occupe no infinito espaço;  
Como do Eterno á voz surgio do nada,  
Sombras são, que os mortaes romper não podem;  
Nem tanto a Salomão foi dado outr'ora!  
Mas conhecer-lhe as Leis, mas sujeitar-lhe  
O movimento ao calculo profundo,  
E na duplice opposta, immensa força,  
Com que he levado ao centro, e delle foge  
No Systema Solar fechado o corpo,  
Como dest'arte o circulo descreva,  
E se mova mais rapido, ou mais tardô,  
Na razão da distancia ao centro immobil,  
Tu só podeste, Newton portentoso,

Taes mysterios expôr com luz mais clara.  
Oh! Genio transcendente, a Fama tua  
Somente ha de acabar quando se solte  
A chamma voracissima de fogo,  
Que esta Terra, estes Ceos converta em cinzas,  
E deste Mundo a máquina se acabe,  
Como hum Divino Oraculo apregôa.  
Foste mortal, ó Newton, mas parece  
Que de hum Astro natal vieste ao Mundo,  
Ignotos aos mortaes mostrar prodigios.  
Tu, co'o Prisma na mão marcaste a fonte  
Da septi-forme côr, que a luz encerra.  
Inda a mais progredindo a mente excelsa,  
Não se perde no calculo infinito,  
Abysmos, onde nova ignota estrada  
Franqueaste aos mortaes, sahindo ovante  
Dô labyrintho de infinitas Curvas,  
Pois se a recta diverge, então se fórma  
Sempre em curva infinita... O' sombra! As Musas,  
Em te encarando, timidias s'espantão;  
E bem como ás solicitas Abelhas,  
A terra só lhe apraz, que as flores vestem,  
De que os succos melifluos delibem,  
N'harmoniosa Poesia, e muda  
Não se conhece o calculo, mas côres,  
Que d'hum bello ideal mostrando o Quadro,  
A' viva fantasia, aos olhos fallão,  
Terriveis como o Guido, ou como Albano,

Das Graças suavíssimas seguido.

Bastava, ó grão Filosofo, bastava  
Para illustrar teu nome a Luz, e as Côres.  
Tu quizeste da Luz transpor o Imperio,  
Foste os Astros seguir no eterno moto,  
Da Geometria nas valentes azas.  
Desta esfera naquella ousado foste  
Correr de Sol em Sol, sem deslumbrar-te.  
A recondita Lei tu nos revelas,  
A sempiterna Lei, que chama os Astros  
Para hum centro commum; a Lei que os fórça  
A descrever, sem descançar, a Curva,  
Com que em torno do centro o giro absolvem;  
Perpetua rotação, perpetuo moto,  
Em que os conserva o Braço Omnipotente,  
Que dêo primeiro impulso á massa inerte,  
Quando os Entes chamou do nada á vida.  
O moto desigual da argentea Lua  
A teus profundos calculos sujeitas:  
Tu no moto annual, tu no diurno  
Escoltas passo a passo a Terra escura,  
E do grande fenómeno espantoso,  
Exposto sempre á vista, e sempre ignoto,  
Com que ora sobem nas desertas praias,  
Descem outr'ora as ondas inquietas,  
Mais chegada á verdade, a causa apontas.  
Se, os tubos astronomicos depondo,  
Deixas de ir vêr nos Ceos rodando os Globos,

Não satisfeito de rasgar o obscuro  
Véo, que envolve, e recata a Natureza,  
Pelos sombrios penetraes entrando  
Com facho luminoso, e nunca extincto;  
Tu nascido a dar luz, rasgas as sombras,  
Talvez mais densas que no seio envolvem  
Já marcados periodos dos tempos.  
Vai correndo o teu fio, apenas páras  
No momento, que aponta o berço ao Mundo,  
E da impostura oriental mofando,  
Ou do fallaz mysterioso Egypto,  
Só da verdade oraculos escutas;  
Outra luz contemplando, então nos mostras  
Na marcha, que vai tendo a Natureza,  
Tão remoto não ser da Terra o berço;  
A base, as progressões, a gloria, a quéda  
De Imperios, que ambição levanta, e prostra.  
Tambem Legislador dos tempos foste,  
Seus constantes periodos marcando,  
Pelas sombras da Historia a luz derramas,  
Quando a base maior, Chronologia,  
Tu deixas em teus calculos segura.

Da Natureza expositor, quizeste  
As azas despregar n'hum Ceo mais alto,  
As cortinas fatidicas rasgando,  
Com que a mão do Immortal cobre o futuro.  
Foi teu maior estudo esse Volume,  
Onde as visões de extatico Profeta

Em sombra impenetravel se sepultão;  
Não vadeaveis, não, que os aureos Sellos  
Só lhos deve romper momento extremo,  
Quando oscilante a Máquina Mundana  
Vir das nuvens baixar do Eterno o Filho.

Não foste grande aqui; mas são pequenos,  
Quantos ousão romper comtigo as nuvens,  
Em que Deos quiz fechar Mysterios tantos.  
No Alcaçar immortal da Sapiencia  
Tu mereceste magestoso assento;  
He teu nobre troféo, não pompa infausta,  
Quaes são dos Reis Pyramides, e Bustos;  
Nelles se acaba a gloria, o nome expira;  
O teu dalli começa; e dalli manda  
Raios de luz, que resplandece eterna.

Entre tanta grandeza, e tanta gloria,  
Que no Mundo te dêo Sabedoria,  
Teve em teu coração throno a Virtude,  
Que inda tem maior preço, e mais valia,  
Que teu Compasso d'ouro, as Linhas tuas,  
As leis que dás, ou que suppões nos Astros.  
Entre o fausto incivil, entre a grandeza  
Podeste ser Filosofo modesto.

He nada sem-Virtude a Sapiencia.

A inveja te assaltou, e a quem perdoa  
Este monstro o maior do escuro Inferno?  
Mas tu, qual n'Oceano erguido escolho,  
Zombas das ondas, que bramindo estalão.

Oh! Feliz Albion, berço, e morada  
Dos Sabios immortaes, que o Mundo assombrão,  
Tu das Sciencias magestoso asilo,  
Ouve a voz de hum mortal, que exalta o grande  
Alumno teu, que interprete seguro  
Foi das eternas leis, que os Astros regem.  
O seu Saber adoro, e seu profundo  
Engenho admiro, que rasgar soubera  
O véo, onde mais denso, e mais compacto  
Involve, occulta, e fecha a Natureza.  
De hum louvor motivado a offerta acceita,  
Escuta o Canto harmonico, que nunca  
A' vil adulação soube acurvar-se.  
Ouve a voz de hum Filosofo, que sempre  
Poz em balança igual Choupana e Throno;  
Que o ente racional n'homem contempla,  
O mesmo berço, e tumulo, e mais nada.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

## CANTO QUARTO.

**N**UNCA o clarão da luz, que o Templo envolve,  
 A' minha vista se esvaéce, nunca!  
 Em novo estado a Terra se me antolha,  
 Não qual era até alli, na sombra immersa  
 Da herança dos mortaes, torpe ignorancia,  
 Filha do cahos: fulgidos rodando  
 Eu vejo pelos Ceos mais claros Astros.  
 Descubro a humana habitação, banhada  
 De huma enchente de luz, que a tréva espanca,  
 De que era involta dos mortaes a mente.  
 Era frôxa a impulsão, que Sabios tantos,  
 Quaes Mestres do Universo, aos homens davão  
 Lições de Sapiencia em Grecia, e Roma  
 Em soberbos Lyceos; mas nunca o Templo  
 Aos miseros mortaes se abriu de todo!  
 Quando a barbarie Gothica domina  
 Por tão obscuros seculos no Mundo,  
 Dos continuos fenómenos a causa  
 Sempre ignorada foi. De espaço a espaço  
 Surgia hum Genio, que romper procura  
 A densa escuridão: baldado esforço!  
 O inaccessso volume ia fechado  
 Com sellos de diamante; ao braço humano

Não foi dado jámais despedaça-lo.  
Qual no Inverno tristonho, e tenebroso,  
Quando a fria, importuna, e grossa nevoa  
Em torno fecha o ar: se o Sol brilhante  
Rompe com vivo raio o manto espesso,  
Subito foge, subito o negrume  
Tapa de novo o fulgurante aspecto,  
E da noite imperfeita o Imperio estende:  
Da Natureza, e da Verdade estava  
Dest'arte involto o rosto em véo sombrio:  
Se algum frôxo vislumbre hum pouco o manto  
Tentava levantar, mais carregada  
Vinha cahindo a sombra da ignorancia;  
Ou porque o cego Peripato as luzes  
Demorava continuo, ou porque ainda  
O marcado Periodo não vinha,  
Na activa successão dos tempos todos,  
Que a mão, que o Todo rege, ás Artes marca,  
Qual do seio do Nada; a voz do Eterno  
Chama á vida politica os Imperios,  
E outra vez da existencia os leva ao Nada.  
Quantos Genios estão no excelso Templo,  
A quem dêo berço a veneranda Italia,  
Antes que o grão Britanno a aura bebesse  
Desta vida mortal? Tilesio eu vejo,  
Admiro Cisalpino, e Bruno, aquelle,  
Que entre chammas fataes seu crime expia,  
E Cardano, qu'entre Arabes idéas

Centelhas fulgentíssimas espalha,  
Nunca hum dia nasceo, que o Mundo aclare.  
Tu mesmo, ó Galileo, teu passo apenas  
O Peristilo do grão Templo toca.  
Não te foi dado o Sanctuario occulto  
Aos homens franquear. Germania hum Sabio  
Produz, que aos Ceos se lance, os Astros pize,  
E mais de perto a Natureza escute.  
Kepler as Leis universaes sentia,  
Que seguem na carreira ethereos Corpos.  
E Galia, então n'aurora, então no berço,  
De todo não conhece o Sabio exímio,  
Que entre as nevoas d'Hollanda hum Mundo finge  
De turbilhões, de vortices sonhados.  
Nos jardins de Epicuro se assentava,  
Renovador dos átomos errantes  
Pensativo Gassendi, e em treva involto  
Corpuscular Filosofia ensina,  
Onde engenho só brilha, e nunca hum passo  
A' só proficua experiencia avança;  
E se mais á razão que á fantasia  
Ouvisse o grão Germano, a quem patente  
O eterno Templo foi das Artes todas,  
Se as primitivas Mónadas, se aquella  
Pre-existente, enfatica harmonia,  
Hum pouco elle esquecesse, e proseguisse  
Na contumaz observação das causas,  
Mais cedo, e mais brilhante a luz raiára:

Do Livro do Universo os aureos Sellos  
Aos olhos dos mortaes se espedaçarão.

Mas o Britanno existe, a Terra he outra;  
O que era só mysterio, o que era sombra,  
Tudo foi Sapiencia, e Luz foi tudo;  
Qual da sombra da noite o Mundo emerge,  
Quando o disco do Sol da linha extrema  
Do purpureo horisonte a nós se amostra:  
De arcanos naturaes expoz a Cifra,  
Rasgou da Natureza o véo sombrio.  
Eis do infinito o calculo profundo  
Pôde forçar, abrir cerradas portas.  
Da Sapiencia o Templo recatado,  
Visto apenas de longe, entre inaccessas  
Rochas alpestres de escarpados montes,  
Se abrio de todo, se mostrou qual era.  
Oh! Scena portentosa, oh! Quadro augusto!  
Enthusiasmo, que em minha alma ferve,  
Te contempla, te admira, e quasi adora.  
Em teu claro, vastissimo horisonte  
As gradações da Luz, da sombra vejo.  
Empresa digna de espantar, por certo,  
A rica fantasia, o fogo, a força  
De Tintoreto, ou de Jordão pintando!  
Ah! Não sei que ardimento interno eu sinto!  
Irresistivel violencia aos Versos  
Me leva todo; da memoria eu tiro  
Thesouros, cuja posse eu mesmo ignoro!

Sobre mim me levanto alheio aos males,  
Que de longe, e de perto em copia tanta  
Terrivelmente Portugal quebrantão.

A Lyra Filosofica tactêo

N'hum domicilio humilde, ignoto ao Mundo,

Onde só sinto o estrepito da guerra,

Qu'entre si fazem, qu'entre si conservão

Daquelle mar tumultuosas ondas.

Eu vejo a luz, que a Terra a Newton deve:

De antigos evos Optica ignorada.

Ao genio indagador de Porta, e Sarpi,

Ah! Por certo devêo primeiro ensaio.

Vejo formada a analyse das côres,

E tudo eu devo aos calculos, ao Prisma,

Na luz, que era só vista, e ignota sempre!

Vãos systemas, que as gárrulas Escolas

Em fantasticos thronos collocarão,

Vão no abysmo cahir, donde sahirão.

A experiencia só corrige, emenda,

Quanto á teimosa observação se oppunha.

A nova Escola Eclectica se eleva

Sobre a verdade, e calculo somente.

Que Monumentos immortaes no Templo,

Cercados d'alma luz se me offerecem,

Depois que alto trofeo do grão Britano

Acabei de observar, de assombro cheio!

Eis Euler, e Clairaut se me apresentam:

Sobre o Problema dos tres Corpos lanção

A base ao seu Saber, e altos progressos  
Do magestoso, simplice Systema,  
Tão claro em si, tão proximo á verdade,  
Qual pôde conceber, e expor La-Place,  
Immortal edificio alevantando  
Sobre esplendente luz, que Sabios tantos  
D'entre a sombra dos seculos lançarão.  
Que larga enchente de Sciencia vejo  
Correr dos Mathematicos principios!  
Todos de immensa luz o ambito enchião  
Daquelle Alcaçar consagrado á Gloria!  
A nutação do eixo, em que se firma,  
Em que rodando vai pesada Terra:  
Do mar a exaltação, do mar a fuga,  
Que fluxo, e que refluxo a prosa chama:  
D'Astros primarios movimento eterno,  
E Satellites seus, que ao centro tendem:  
Dos Cometas excentricos, que o moto  
Incerto sempre, irregular conservão,  
Os constantes periodos se marcão.  
A libração da prateada Lua,  
Astro proximo a nós, mas sempre ignoto,  
E do vento inconstante a origem vista  
No equilibrio do ar, que oscila, e treme.  
Rasgão-se obscuros véos, calculo exacto  
De aproximar, e de integrar se encontra  
Esculpido alli está, e se eternisa  
Em fulgurantes pranchas de Diamante,

A longa duração de quasi hum cento  
De annuas revoluções da Terra inerte,  
Aos profundos Astrónomos a entrega  
Fontenelle dulcissimo, que Mundos  
Vio mais no espaço, que áridas Sciencias  
Tanto soubera amenisar no estilo,  
Que só parece producção das Graças.

A Germania, que hum tempo nua, e triste,  
Historiador Filosofo nos mostra,  
Alli Wolfio conserva, e o mostra ao Mundo;  
Profundamente calculando, segue  
Mathematica luz, que immensa espalha,  
Em quanta a Terra vio Filosofia;  
E com seguros vigorosos passos,  
Da exacta Sapiencia entra o sacrario.  
Em sombras metaphysicas s'entranha.  
(Quadro bem digno d'attenção do Sabio,  
Nunca em meus Versos ficarás inglorio!)  
Os pestilentes halitos da Inveja  
Quizerão denegrir Varão tão raro.  
Entre agitadas borrascosas ondas,  
Em seu peito existio tranquillidade,  
Oppondo sempre aos venenosos tiros  
Diamantino pavêz d'hum douto Escripto,  
Com que os thesouros da Sciencia engrossa,  
E mais alto lugar no Templo occupa.  
Expulso dos Lycêos leva consigo  
Dentro do peito Estoica fortaleza,

N'alma a brilhante luz, que espalha em todas  
As regiões da humana Sapiencia.

Ao rigor Mathematico sujeita

A abstracta theoria, ou cego abysmo

Das humanas paixões tumultuosas.

Da nebulosa Hollanda os Sabios vejo

Do Templo augusto ornatos sublimados,

Que os brilhantes faróes do Tibre arrancão

D'entre as sombras, e pó de antigos évos,

E com douto trabalho esclarecidos

Ignorado thesouro ao Mundo offertão,

Aos olhos perfeição, luzes á Mente.

Ah! Porque foge á magica harmonia

De meus Versos seu nome? As Musas fogem

Do Scalda, e do Boristhenes, só margens

Do Sena, e Tibre, do Arno, e do Sebeto,

E do Tejo tambem, lhe aprazem ledas!

Depois que o Trace barbaro, e que o Scita

Do Eurotas, e Hypocrene as margens pizão.

De Hollanda a cerração, de Hollanda o clima

Não deixão de brilhar no Templo eterno.

Muschembroéke, e Gravesande illustrão

Da Fysica os confins; Boerhave a abstrusa

Sciencia de Epidauro ensina aos homens,

Qual nunca o Grego Hypócrates fizera:

Na região do Fogo incombustivel

Parece que passêa; a occulta essencia

Do Elemento voraz explica, e palpa.

Lugar no Templo tem, conspicua em tudo,  
Antes que ao jugo Wandalo dobrasse  
O tão nobre até alli, livre pescoço,  
Nevosa Helvecia, n'hum só familia  
Da Sciencia o deposito conserva.

Fadada para as letras Basiléa  
Tantos Bernouillis dá, quantos os Sabios,  
Claro ornamento da Sciencia exacta.

Onde outr'ora vi Grecia, e Roma via,  
De Roma, e Grecia no sublime Templo,  
Vi a imagem perfeita, e igual transumpto,  
Quando da Galia omni-sciente os filhos  
Immortaes alli vi, e em aureas letras  
Gravado hum nome só — *Academia* —  
Ou domicilio das Sciencias todas.

No vasto Erario de immortaes Volumes  
Encerra, e fecha inteira a Natureza,  
E a Natureza inteira aos olhos abre.

Não falece alli, não, pasmosa Italia,  
Paiz tão caro aos Ceos, tão grato aos Sabios,  
Fecundo berço das Sciencias todas.

Da Gothica invasão, naufragio horrendo,  
Os thesouros salvou, que o Mundo espantão,  
Que mais que as armas sustentárão Roma,  
E no seio da Gloria inda a sustentão.

A espada não guardou do invicto Cesar,  
Nem dos dous Scipiões o escudo, e a lança;  
Do naufragio salvou de Tullio as Obras;

O tão douto suor de ambos os Plinios ;  
De Tacito tambem , a quem parece ,  
Que a Natureza dera a occulta chave  
Do humano coração , seguro fio  
No labyrintho das paixões humanas.  
Do arduo Pindo , e d'Hypocrene os timbres ,  
Se inda a fruta de Titiro escutamos ,  
E o Marcio som da Homérica Trombeta  
De Dido no destino , e no duélo  
De Turno audaz , do piedoso Enéas ,  
E os proficuos trabalhos da cultura ,  
Que arranca á terra os providentes fructos.  
Do Venosino a Lira alti-sonante ,  
Que , mais que a de Anfião , mais que a de Lino ,  
A Thebas manda se aproximem Montes ,  
E marchem pedras a formar-lhe os muros :  
E os teus tambem , ó Sulmonense Apollo ,  
Os teus Versos , Ovidio , que disputão  
A duração do Nilo aos monumentos ,  
( Pouco são as Pyramides ao Mundo ! )  
A ti se deve Italia , a ti somente.  
Se do Romano Imperio a immensa mole  
Em pedaços cahio , co' o baque horrivel  
Fazendo o Mundo vacillar nos eixos ,  
Inda tu lho sustentas , tu lho guardas  
Das Sciencias no Imperio , e na grandeza.  
A ti , e aos filhos teus no Ethereo Templo ,  
Entre os Sabios do Mundo , adoro , e vejo :

Em tudo singular, tu grande em tudo,  
Das Letras na cultura o Mundo illustras;  
Até do immenso mar cortando as ondas,  
Descobrem teus Heroes hum Mundo ignoto.  
Deixa Colombo as praias da Liguria,  
Ao rompente Leão da altiva Hespanha  
Novos Imperios dá, thesouros novos:  
Americo seu nome eterno imprime  
Do Globo á parte maxima, que corre,  
Desde o Pólo do Sul, do Norte ao Pólo:  
Ah! Nunca os passos avançaras tanto!  
Déste ao Tejo opulencia, e nella a gloria;  
Seu timbre hum tempo foi, mas hoje opprobrio,  
O Sceptro, que lavrou, das mãos lho arrancão.  
Ah! Quem nas Artes, que se chamão bellas,  
Quem te póde igualar formosa Ausonia!  
A magestosa Architectura he tua:  
Nunca teve Persépolis, Palmira  
Não vio subir ás nuvens enroladas  
Essas marmoreas máquinas, que em restos  
Do viandante a fantasia assustão;  
Nem o Nilo banhou co'as turvas ondas  
Soberbos Paços na confusa Menfis,  
Que podessem contigo equiparar-se  
Na grandeza, na pompa, ó Vaticano!  
Que forão teus pinceis, Parhasio, Apelles,  
Se eu do Divino Rafael me lembro?  
Escópas o cinzel cede a Bernini.

Em tudo Italia he grande, em tudo eximia!  
Ah! Nunca os Brennos te pizassem, nunca!  
Belligerantes torreões nos mares  
De contrarias Nações, a Hesperia, a Galia,  
A soberba Albion respeitão, guardão  
Lenho, que leva La Peyrouse, e marcha  
Com as raras producções, que a Natureza  
Dêo aos climas d'Ocaso, e do Nascente,  
Enriquecer a bellicosa Europa.  
Não he de huma Nação, da Terra he todo  
O Sabio, que a riqueza aumenta ás Artes.  
Tal acatada ser, tal tu devêras,  
O' domicilio do Saber humano.  
Não mereces que vão turvar-te as armas  
Teus Sabios immortaes, teus Monumentos,  
Que no seio da paz florecem, medrão.  
Tudo em ti tinha o Mundo; as doutas Musas  
Tinhão firmado em ti seu Templo, e Throno.  
D'hum Vate acceita o pranto, acceita os votos,  
Pois o Tejo te adora, e te conhece:  
Entre as cultas Nações, tu só me illustras.  
Nada grande sem ti no Mundo encontro;  
E se em viva abstracção te roubo ao Globo,  
Eu me chamára hum Lirico, se nunca  
Tocasse a Lira harmonica, e divina  
Impetuoso Filicaia, ou Testi:  
Se nunca a Tuba de Torquato erguêra  
O nome de Gofrédo aos aureos Astros,

A nenhum mais cedêra Epica Tuba ,  
Que canta o Mar vencido, o vist'Oriente :  
E meditando a máquina do Mundo,  
Eu só fôra o Pintor da Natureza ,  
Se Arrighi, e Conti co'os Pinceis não derão  
A tão grande Painel mais alma, e vida.  
Italia, Italia, do mortal mais livre  
Recebe este tributo, e o voto aceita.

Das Musas me lembrei, deixando hum pouco  
O Compasso, que mede o Mar, e a Terra,  
E que o Templo, que vejo, enche de tantos  
Sabios, que alli tem solio, alli morada.

Não cede alli Bolonha ao grão Tamisa,  
Menos cede Florença, que se esconde  
Entre amenos Jardins, serenas aguas  
Do claro Arno, que serpêa, e manso  
Os campos fertilisa, as flores nutre.  
Entre clarões de luz marcha Zanotti,  
Da Fysica Sciencia o Imperio estende.  
Curvo, e velho Ricatti abstracto, e mudo  
Em seu regaço Urania o reclinava ;  
De Newton nas fluxões mais luz derramã.  
A's entranhas desceo da escura terra,  
Laborioso Agricola, e descobre  
A fonte dos metaes, talvez mais clara,  
Qual depois de tres seculos a mostra  
Luminoso Saber d'Anglia, e da Gallia.  
Da Natureza no opulento Imperio

Vaguêa Valisneri, e abrange tudo  
Quanto depois Buffon na rica veia  
D'aurea eloquencia eternisou no Mundo.  
Desce ao fundo do mar Marsigli, indaga  
Quantos thesouros no seu seio encerra;  
Tão vasto, e tão veloz, qual o Danubio  
Desde a larga vertente á foz immensa,  
Por onde ao negro mar se lança, e some;  
Seu curso vai seguindo, e lhe levanta  
Perduravel Troféo na douta Historia,  
Que ha de durar por certo em quanto o rio  
Ao mar correndo fôr, lavando os muros  
De tão vastas Metropoles fastosas.  
Manfredi, e Grandi, e Nicolai de assombro  
Do Neva, e do Danubio os Sabios enchem.  
Não mais, não mais a levantar se atreve  
O grande Imperio da Sciencia exacta!  
Onde o claro Sebeto as aguas volve,  
E ao perto ouve bramir, troar escuta  
Do medonho Vesuvio o seio horrendo,  
Chega á exacta Sciencia, e alli se accende  
O desejo de abrir com aureas chaves  
Da recatada Natureza o Templo.  
Orlandi, e Galiani aos Astros sobem,  
A estrada lhes franquêa o grão Maraldi  
De Venus no clarão, na luz serena,  
Quaes as vemos na Lua, encontra as manchas,  
Como Bianchini as vio, profundo Briga:

Com Cassini outra vez se aclara o Mundo,  
Com mais Astros o Ceo se adorna, e brilha.  
Oh! Quanto a Italia, ó Galileo, te deve!  
Tu della és timbre, e luminar do Mundo!

Mecanica, aos mortaes proficuo estudo,  
Quanto, quanto em Parthénope te exaltas!  
Alli mais se cultiva, e mais se apura  
Do Maquinista Siculo o talento,  
Que atalha os vãos das Romanas Aguias.  
A força em tudo cede ás Artes sabias!  
Quasi vejo surgir Numes na Terra,  
A cujo acêno os corpos obedecem;  
Mas são disposições, são leis profundas,  
Que as sombras arrancou da Natureza  
O estudo da Mecanica profundo.  
Nãos se suspendem, Diques se apresentão  
A' furia sempre indomita dos mares;  
Sobe hum rio em Marly, corre hum penhasco  
A' ribeira do Nevá, e a base fórma  
Da estatua collossal, que representa  
O immortal Creador do immenso Imperio,  
Que pôde espedaçar da Europa os ferros,  
E co'a espada affiança a paz ao Mundo.  
No Pólo a frente eleva, e o dextro braço  
Estende pelo Baltico, o sinistro  
Já rompe pelo Bosforo, e segura,  
Em quanto lhe aprouver, dos Reis o Throno.  
Oh! Quanto deve o Tejo, oh! quanto ao Néva!

Sem a Italia meu canto erguer não posso,  
Nem ver no Templo maravilhas tantas!  
O Imperio Mathematico contemplo,  
Muschembroécke, e Belidoro a guerra  
(Dos Sabios guerras são, e o sangue ignorão)  
Accendem entre si, disputão doutos,  
Pondo em acção, e movimento os Corpos,  
Que, quanto avanção mais, mór força perdem,  
Té que interposta resistencia acabe,  
Pela força da inercia, o movimento.  
Do Sena, e do Tamisa os Sabios todos  
De Newton, de Amontons nas Leis insistem,  
Mas surge, e brilha o Bolonhez Palcani;  
Onde co'as doutas máquinas não chega,  
Mysterios da razão co'a força abrange.  
Traça hum ramo hyperbolico, engenhoso,  
Assintotico o diz, com elle explica,  
Com elle aclara o disputado arcano.  
Se as leis dos Corpos solidos se mostram  
Em manifesta luz, quanto escondida  
Guardava a Natureza a Lei constante,  
Que poz desde o comêço ao Rio undoso,  
Que elle no curso acelerado observa!  
Mil equações algebraicas a escondem;  
Rasgão-se em fim mysteriosas sombras.  
Depois de quanto affan, de quanto estudo  
Tu, Saladini, a theoria expunhas,  
Que escólho da Mecanica se chama,

Não superavel quasi a engenho humano!  
Tu déste a Hydrodinamica pasmosa,  
Têu Hemisferio Hydraulico os louvores  
Do taciturno pensador La Grange  
Te soube merecer! Ricati o grande  
Te abraça terno com silencio augusto,  
Sobre teu rosto lagrimas derrama;  
Do sabio velho a candida ternura  
Mais te explica, e te diz que o louro, o premio,  
Que Berlim te mandou, promette o Sena.  
Os teus cuidados, as vigalias tuas  
A' Sciencia dão luz, que os Ceos abrange:  
Por ti seu Reino estende a Astronomia;  
Desde o culto Caldeo, do douto Egypcio  
Té quasi ao berço teu jazia em sombras;  
Nada avançado tinha Arabe estudo,  
Guardador do deposito das Letras,  
Que á furia se evadio do Turco indouto,  
Depois que a sabia Grecia arrasta os ferros.  
Nem mesmo entre os de Dánia agrestes montes,  
Onde Tycho elevou seu tubo aos Astros,  
Solar Systema se aclarou de todo:  
Mas apenas os Ceos co'a mente excelsa,  
Sem te assustar o espaço indefinito  
Ousaste passear, como vencida  
Da sabia audacia a Madre Natureza,  
Fazes que á Terra o Ceo se aproximasse,  
Ou que a Terra de perto os Astros visse.

Leis occultas té alli se patenteão.

Seguindo a piza ao Fundador, ao Mestre  
Da Sciencia Astronomica, empunhando  
Teu Telescopio o singular Campani,  
De Saturno os Satellites descobre  
Quasi todos então: busca as Estrellas,  
Que immortal Galileo primeiro achára,  
(Luas de Jove são;) fanal aos Nautas.  
O espantoso fenómeno nos mostra  
Da Luz Zodiacal; co'a parallaxe  
Do medonho, sanguineo, acceso Marte  
A distancia marcou do Sol á Terra;  
Distancia, que confunde a mente humana,  
E que a luz n'hum momento abrange, e corre.  
Sabio traçou Meridiana Linha,  
E por ella nos mostra o variante  
Móto veloz da Terra ao Sol em torno.  
Dos Ceos no immenso, e luminoso Livro,  
Quasi de todo aberto, os homens lêrão.  
Foi-lhe sujeita a abobada brilhante  
A rádio mathematico, qual era  
O mortal domicilio aos homens dado,  
Parallaxe annual d'altas Estrellas,  
Que engastadas nos Ceos fixas se mostrão,  
Idéa falsa se anniquiça, e foge;  
A lei da aberração mostra a verdade.  
Nos altos Ceos os Astros contemplando,  
Já sabios vão determinar da Terra,

(Humana habitação) figura ignota  
A' debil luz da Estôa, e Peripato,  
Ao Bosque de Acadêmo, ao Tibre ufano,  
Por vêr as Aguias tremular no Hydaspe,  
Em pesados grilhões gemendo o Mundo,  
Quasi se mostra a longitude ignota.  
No vasto mar, por onde em leve pinho  
Intrepido mortal dá volta ao Globo,  
Circumnavegação, cuja alta idéa  
Me escalda sempre a livre fantasia.  
Eu do Templo m'esqueço, ao mar me entrego!  
Quanto se eleva ao Ceo, quanto s'exalta  
Entre as Artes maior das Artes todas!  
A portentosa Nautica! Descubro  
Nella a prova maior do engenho humano!  
Nella o laço commum dos Povos todos!  
Fôra estranho a si mesmo o térreo Globo,  
Ignoto o vasto Mar, e a Terra ignota,  
Se a tal ponto de audacia, ou de virtude  
O humano coração não se elevára!  
Do Mar a agitação, do Vento a furia  
Com fragil lenho voador se embrida.  
Sentado em ligneo throno, e fluctuante  
Apparece o mortal Rei do Universo;  
A seu arbitrio o Mar divide, e rasga.  
Ao fixo Luminar no immobil Polo  
Manda que os passos lhe dirija incertos  
Pela campina azul, que se confunde

Co'a extrema linha d'horisonte escuro,  
 Que sempre vai fugindo, e quando a nuvem  
 Com densos véos lhe esconde o brilho eterno,  
 Manda á Terra que abrindo o seio escuro  
 A sympathica pedra lhe offereça,  
 Ao ferro equilibrado a força empreste,  
 E busque irrequieto o Polo algente.  
 Se o Sol, rompendo os véos da noite escura,  
 Parece vir subindo, até que toque  
 O ponto do Zenith, mede-lhe a altura  
 O denodado Nauta, e determina  
 Em que parte do Globo o Lenho exista.  
 Té na immensa distancia, onde rodando  
 O Globo vai do desmedido Jove,  
 De seus claros Sattellites seguido,  
 Imperiosa voz do Nauta escuta.  
 Do mortal a grandeza, a dignidade,  
 Se o contemplo no mar, no mar a vejo.  
 Ah! Foi creado o Arbitro dos Seres!  
 He hum Sol eclipsado, inda tem brilho;  
 Mas interpoz-se a sombra do peccado  
 Entre o mortal, e o Ceo, feio negrume  
 Lhe envolve o coração, lhe offusca a mente!  
 Do Templo augusto nos umbraes m'entranho,  
 Onde esculpidos em Brillantes vejo  
 Do Sabio as producções, do Sabio o estudo.  
 Incessante Fadiga a luz derrama  
 No arcano presentido, ind'hoje ignoto,

Da obliquidade do angulo, que hum pouco  
Em cem annos na Ecliptica decresce.  
Quasi perdem seu tom da Lira as cordas,  
Quando dest'arte o labyrintho encaro  
Da linguagem dos Calculos, que he sombra,  
Que extrema immensamente, e que divide  
O frio Euclides do fervente Milton.  
Ah! De Ariosto aos extasis divinos  
Calculador pousado em vão se ajusta!  
Avesado a correr no immenso Imperio  
Da Fantasia pródiga de Mundos,  
Que a seu sabor do Nada ou cria, ou chama.  
Nos confins do Geometrico Compasso  
Anciado me volvo, e aqui não posso,  
Como nos Cantos do encontrado Oriente,  
Soltar hum vôo rapido aos abysmos,  
Vêr o feroz Satan, que rompe as sombras,  
Espantado ao clarão dos Sóes, dos Astros,  
Quasi doer-se da revolta antiga,  
Que em sempiternos carcereos o fecha,  
Donde a furto sahindo, em pranto torna  
A ferrolhar-se em lôbrega morada.

Como indignado das prescriptas metas,  
Achadas até alli no espaço ethereo,  
Herschel sobe mais alto, além das tardas  
Luas, que escoltão frigido Saturno;  
Lá corre, e vai seguir na marcha Urano:  
Leva consigo Carolina, e ambos

Revolução continua, e vária encontram  
No luminoso anel, que cinge o Globo.  
Bem distante de nós julgar se deve  
(Se neste espaço indefinito o vemos)  
Girar em torno ao Sol Pallas, e Vesta:  
Por este espaço immenso, indefinito,  
Onde aos olhos mortaes s'escondem muitos  
Globos, que formão Planetar Systema,  
De todo inda não visto, inda ignorado  
De Oberst, Arding, de Piazzì aos tubos,  
Que os seculos por vir farão patentes.

De mais perto se observa a argentea Lua,  
Gelados montes tem, gelados mares,  
E as fornalhas do abysmo, que vomitão,  
Qual horrendo Vesuvio, ardentes chammas.  
Mas nunca em clara luz saber podemos  
Se he do Ser pensador tambem morada.  
Em tão vario Satellite da Terra  
Não se descobre, como em nosso Globo  
A atmosfera diafana, em que os Entes  
Só podem vida ter, só movimento.  
Porem quem pode prescrever limites  
Aos esforços de eterna Omnipotencia?  
Da immensa creação no immenso Imperio  
De outros orgãos talvez, d'outra figura  
Sejão dotados semoventes Seres,  
Que habitadores de tão vastos Corpos,  
Como na Terra nós, no espaço vivão!

Mas ousada de hum Vate a fantasia  
Encolhe as azas, e de hum Deos escuta  
Revelados Oraculos somente.

Mais que a razão, e que os sentidos póde  
A luminosa Fé... Mortal, silencio!

Os véos, em que se envolve o escuro arcano,  
A morte rasgará, e em Deos veremos  
O que a minha alma ignora, ignorão todos.

Co'a Sciencia Astronomica já vive  
O mortal morador no ethereo assento!  
Desgraçado Bailly, fuma o teu sangue  
No cadafalço vil; tua alma agora,  
Já sôlta das prisões; lá vê nos Astros,  
Se o grão discurso teu falhou no Mundo.

Se a Terra, dizes tu, se outros Planetas  
Por centro de seu giro o Sol conhecem;  
Talvez que os Sóes, que fixos, que engastados  
Parcem ser na abobada azulada,  
Tenhão centro commum n'hum Sol mais puro,  
Mais vasto, e luminoso, e que descrevão  
Em roda delle essa Orbita assombrosa,  
Que mais remotos tem limite, e termo,  
Que infatigavel Calculo lhes marca:

La Lande a imaginou, La Lande a sente,  
Mas foge, foge ao numero das cifras,  
A's equações algebraicas se esconde.

Virá talvez hum tempo... (ah! Se na Terra  
Não tornar a surgir Wandalo Imperio!)

Em que nos mostrem Lentes mais polidas,  
E d'outra sorte architectados tubos,  
Que foi verdade, e luz tão vasta idéa!  
Depositada está n'aureo volume,  
Que sôbranceiro ao sangue, ao cadafalço  
Não ferio com Bailly furor de Tigres!  
Que escondidos nas lôbregas cavernas  
Sem cessar vão sapando Altar, e Throno,  
Ao Mundo dando Leis, aos homens ferros,  
Que afugentão virtude, e o crime escorão.

Não foi sem fructo, não, nem foi deleite  
A Sciencia Astronomica entre os homens;  
Quão vantajosa luz no Mundo espalha!  
São dignas só de apreço as Artes uteis.  
Quão proficuo aos mortaes he Nauta ousado!  
O' Patria minha, a gloria esvaecida,  
Que, qual fumo, voou, e a que inda resta,  
Tudo a teus Nautas immortaes o debes!  
Abriu teu Gama as Portas d'Oriente,  
E seu nome cançou da Fama as azas.  
Os teus Lenhos undi-vagos cercarão,  
Dos homens com espanto, o Globo inteiro,  
E nos seios do Mar, nas Ilhas suas,  
Dos Lusos se conserva o nome intacto,  
E sem quebra, e sem sombra a gloria, e fama.  
Pôde mais o valor, mais o denodo  
No Peito Portuguez, que as Artes todas.  
O seculo inda he rude, inda dos Astros

Mutua gravitação inda era ignota ,  
Inda Kepler as Leis não tinha exposto ,  
Que em sempiterno movimento guardão ;  
Newton calculador , Kepler profundo ,  
Da longitude os cálculos não certos  
Do Sol , da Lua , a parallaxe ; nada  
Ha mister Magalhaens ; honra , e vingança ,  
Eis todó o Globo circundádo , e os Mares  
Aos pés de hum Portuguez submissos ficão ,  
Accção talvez maior do esforço humano !  
Fica extincto o valor nos Lusos peitos ,  
Depois que estranhas Leis o Tejo ouvíra.  
Do Mar o Senhorio então transfere  
A mãos Britanas o Senhor dos Mundos.  
De Varenio a fadiga illustra hum Newton ;  
Correm Bretoens o Mar , e o Globo cercão ;  
Vão , levados do sordido , e terreno ,  
Insaciavel interesse de ouro ,  
Vão illustrar com tudo , e dar grandeza  
A' vasta esfera das Sciencias todas.  
Vai Cooke , vai Byron cercando a Terra  
Por inda não tentada , incerta via ;  
Então suspendem denodada marcha ,  
Quando em gelado mar , gelada terra  
Da Natureza no Decreto attentão ,  
Que atraz lhes manda bracear as vélas ,  
Virar de bordo a conhecido clima ,  
Que onde a Terra acabou , findar se deve

O trabalho mortal, o amor da gloria.  
O' nome Lusitano! O' Patria minha!  
Eu culpo o teu silencio; a huma virtude,  
Que se apraz de esconder-se, eu chamo inercia.  
Mede o grão Newton com Compasso de ouro  
Quanto Varenio descreveo na Terra,  
Foi Cook, foi Byron, foi Bougainville,  
Qual Anson foi guerreiro, e os Mares girão:  
Do Continente Austral foge o Fantasma,  
Que o frugal Hollandez laborioso,  
Rico sem luxo, grande sem soberba,  
Julgou grande porção do Globo, e sua.  
Assombrado do gêlo atraz voltava;  
Mas nunca hum passo além co'o Lenho ousado  
Da terra foi, que descobrira hum Luso;  
Magnanimo Queiroz, deste-lhe hum nome  
Para ti foi brazão, e he meta aos outros  
De nebuloso Sul prescrutadores:  
A gloria de buscar no Mundo hum Mundo,  
Se ao pensativo Bátavo pertence,  
A pertinaz navegador Britano,  
No Tejo as bases tem, no Tejo a fonte;  
Mais além de Queiroz nenhum se avança.  
Foi entre tantos Magalhaens primeiro;  
Todos de hum centro os raios se derramão,  
Que vem tocar d'hum circulo os extremos.  
Tal do seio de Lisia a luz emerge,  
De que os Povos da Europa recebêrão

O perpetuo clarão, com que hoje médrão.

A'vante passo, attonito contemplo  
Nas paredes do Alcaçar esculpido,  
Quanto a vetusta Fysica ignorava  
Sobre a essencia do ar; nua a verdade  
Se me descobre, e manifesta aos olhos;  
Piza-se a immensa fluida substancia,  
E já senhor do Mar n'hum curvo Lenho,  
Não lhe basta ao mortal da Terra o Sceptro,  
Se o dominio não tem dos livres ares.

Lá sobe, lá passèa, e vê seguro  
Debaixo de seus pés cruzando os raios.  
De Architas já não lembre a argentea Pomba,  
Goza maior prodigio a idade nossa.  
Eu vejo pelo ar volantes Carros,  
Quaes os baixeis arfando as ondas cortão,  
E nelles os mortaes tranquillos vejo,  
Sem temer o despenho, e deslembrados,  
Que affrontada dest'arte a Natureza,  
Tire vingança da famosa injuria.

Eu vejo o golpe, e victima primeira  
Em Rosier intrepido, que sobe:  
Elle primeiro foi, mas prestes passa  
Do regaço da gloria ás mãos da morte.

Porem mais uteis os trabalhos vejo  
Dos grandes Sabios, que a verdade indagão.  
Eis a fonte de incognitos arcanos  
Dos absortos mortaes patente aos olhos;

Eis o electrico fluido pasmoso,  
 De fenómenos mil a causa ignota.  
 Do acceso raio a Patria se conhece,  
 He das nuvens a electrica peleja.  
 Se trôa, se rebrama o escuro inferno  
 Dentro do bojo do Vesuvio, e exhala  
 O fumo, que se expande, e o Ceo nos rouba;  
 E o diurno clarão transforma em noite,  
 E aquella chamma, que conduz estragos,  
 (Foi destes o maior de Plinio a morte)  
 Aqui descobre o Sabio Electricismo....  
 Legislador Americano, os Evos  
 Teu nome guardarão, Nollet, teu nome  
 Do Templo nas abobadas gravado  
 Eternamente vivirá, se as Artes  
 Barbaridade, que extermina tudo,  
 Quizer poupar d'alluvião de ultrajes,  
 Que ás Leis, á Natureza, aos Ceos tem feito.

Com vivas cores debuxada vejo  
 A multi-forme Boreal Aurora,  
 Mairan seguindo os calculos profundos  
 Expõe a causa aos seculos ignota,  
 Da Atmosfera Solar porção tirada,  
 Por veloz rotaçãõ do terreo Globo,  
 Ao ar então se communica espesso,  
 Que as tristes regiões do Polo abafa.  
 Tu, de Bérghamo o timbre, ó Sabio illustre,  
 Tu, Savioli, que na Lira d'ouro,

Juntando aos magos sons Filosofia,  
Cantaste os dons de Eráto, os dons de Urania,  
A' semi-racional Laponia fria  
Foste observar de perto o quadro acceso  
Do Boreal Fenómeno, tu viste  
Nos gêlos, que nos Ceos vão confundir-se,  
A reflexão dos luminosos raios  
Tantos, tantos Listões formar nos ares,  
Que pelas vastas regiões das sombras,  
Ou da morte talvez, lhes supprem dias,  
Que hum ligeiro crepusculo parecem.

Das Artes o progresso alli contemplo,  
Indagadora Chimica, que tanto  
Da Europa pelos angulos se acclama,  
Com tal furor, que he mais que entusiasmo.  
Interprete fiel se diz da vária,  
Em suas Leis occulta, Natureza.  
Já de antigos delirios despojada,  
Se ella analysa os simplices, não busca,  
Lisongeando sordida avareza,  
As pedras converter (que insania!) em ouro!  
Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,  
Depondo o Sceptro, tactear Cadinhos,  
Tanto pode o prazer, pode o prestigio!  
Mas se delles a Purpura não foge,  
Fogem por certo as Musas d'espantadas.  
Nega-se a Lira a barbaros, e escuros  
Termos, que jurão sanguinosa guerra

Do metro Luso á magica harmonia ;  
 O Pierio calor, que o peito agita ,  
 Que descendo dos Ceos, n'alma s'entranha ,  
 De todo se amortece, e se dissipa ,  
 Se fugindo das lúgubres fornalhas,  
 Ousados vem barbarisar meus Versos  
 Hydrogenios, Azotes, Oxigenios.  
 Não te negão porém lugar, nem gloria,  
 Lavosier illustre, e desgraçado,  
 Indagador Filosofo profundo,  
 Que hum momento de vida inda pediste  
 Ao barbaro Tyranno (ai dor!) que corta  
 No cadafalço vil tão aurea têa,  
 Para arrancar da Natureza ao seio,  
 O que guardavas portentoso arcano,  
 Que viria dar luz, dar gloria á Terra.  
 A vida não choraste, a perda choras  
 D'huma verdade, que comtigo em sombra  
 Perpetuamente no sepulchro existe,  
 E que talvez os seculos não mostrem!

Nem do Globo as reconditas entranhas  
 Do Sabio indagador ás vistas fogem:  
 Nada esquecido está! Henckel, Bomare  
 Das minas vão romper trevas espessas;  
 Perdem da vista o Ceo, da vista o dia:  
 A' debil luz de pallida lanterna  
 O profundo vão vêr Laboratorio,  
 Em que os metaes prepara a Natureza;

Dos homens os quiz pôr longe, e bem longe.  
Vio que do ferro só, não liso arado,  
Mas dura espada fabricar devião,  
E do bronze os Canhões, que o raio imitão  
(A tanta assolação se chama gloria!)  
Mais o ouro escondêo no abysmo, e sombra,  
De lá se arranca, se conduz ao dia;  
Devendo ser do mérito a corôa,  
Quasi sempre he do crime o premio, e causa,  
E estímulo do mal nas mãos dos homens.

Mas eu duros metaes deixo nas sombras,  
Distem pouco do Inferno, eu busco o Quadro,  
Que tão visivel mostra a Natureza,  
Só digno dos mortaes, sublime estudo!  
D'alma Sciencia fonte exuberante!  
Das mesmas Artes mãi, qu'estende o Imperio  
Por onde o ar s'estende, o mar fluctua,  
A Terra he conhecida, os Seres vivem.  
Desde o vasto Elefante á variada  
Borboleta gentil, que as flores beija;  
Da gigantesca, colossal Balèa,  
Ao pequenino, lucido Testaceo,  
Que quasi hum grão de arêa á vista foge;  
Desde o Cedro soberbo á relva humilde,  
Que do prado he tapiz, dos gados pasto;  
Estudo liberal, que a engenho humano  
Vasto campo descobre interminavel!!  
Que orgulho scientifico confunde

Com tanto vário differente objecto ,  
Que imperceptiveis relações conservão :  
Quaes anneis entre si, ligados sempre,  
Que essa cadêa portentosa formão ,  
Que prende, e tem principio em Ser Eterno.  
Tão vário estudo glorioso, e bello  
Tanto mais se cultiva, e mais florece,  
Quanto he menos pesada, e menos densa  
Nuvem, que assombra o social Estado.

Eu tudo via, e meditava absorto!  
Mas repentinamente hum véo s'estende,  
Tudo foge a meus olhos, e se esconde,  
Qual nos rouba da vista o Sol brilhante  
Hum grupo espesso de pesadas nuvens.  
De meus sublimes extasis desperto,  
E me vejo na Terra escura, e triste,  
Habitação do crime, e da desgraça,  
E me parece que chegára o tempo,  
Prometido no extatico Profeta!  
Abrio-se o poço do profundo Abysmo,  
E do fundo infernal aos ares sobe  
Grossa columna de medonho fumo;  
Espande-se, dilata-se, cobrindo  
A Terra toda de palpaveis sombras,  
Por onde Insectos denegridos girão;  
Tudo corrompem, contaminão tudo  
Onde chegão co'as azas pestilentes.  
Tremem nas bases vacillantes Thronos,

Rompem-se os laços sociaes dos homens ,  
As Leis não tem vigor , preço a Virtude ,  
E nas mãos da Justiça ou vérga , ou quebra  
A n'outros tempos inflexível Vára.  
Destas sombras rompendo atroz Fantasma ,  
A pavorosa frente ao ar levanta ,  
Ao portamento , á voz , ao gesto , a tudo  
Eu conheci (que dor!) Barbaridade!  
De Omar a curva Simitarra empunha  
Na dextra mão ; na esquerda arvora o facho ,  
Com que a cinzas reduz vastos thesouros ,  
Que do humano Saber , das Artes todas  
Em seu seio encerrava Alexandria ;  
E se me antolha que na Patria minha  
O fumo sobe ao ar , e a chamma estala ,  
Que são montões de lastimosas cinzas  
Das Musas todas as vigílias doudas.  
Mas hum Genio batendo as niveas azas  
Vejo descer da Abobada Celeste ,  
O medonho Fantasma se esvaéce ,  
O dia torna , a sombra se dissipa ;  
Os Insectos feissimos de chófre  
Entrão no poço do afumado Inferno ;  
Eternamente a tampa se afferrolha.  
No meio do clarão vejo no Throno  
Cercado de esplendor MIGUEL Primeiro.  
O Genio a voz erguendo ao Throno aponta ,  
E com celeste accento assim me exclama :

Mortal, a quem foi dado entrar no Templo,  
Onde alvergue quiz ter Sabedoria,  
Olha o Monarcha teu, confia, exulta;  
Não fabuloso Hercules expurga  
A Lusitana Terra, a herança sua,  
C'hum golpe só, de barbaros, e monstros:  
Instantanea fugio Barbaridade,  
Vem o Reino da Paz, com ella as Artes:  
Já fez do Cahos recuar o Imperio;  
Hum dia prometteo, que traga ao Mundo  
A luz, que a Grecia vio, quando na Escola  
O Genio de Estagira absorta ouvia,  
E Platão facundissimo lhe expunha  
A cadêa, que aos Ceos vincula a Terra,  
Nesta infinita gradação dos Entes,  
Que de eternos protótypos são copias.  
Quando ardente Demósthene da bôca  
De aurea eloquencia as ondas derramava,  
Como agitado de furor divino,  
Os violentos Déspotas suspende;  
Quando na Lira Pindaro subia  
Os vôos remontando além das nuvens,  
Dando vida aos Heroes, fama á Virtude:  
A luz já vista fulgurar em Roma,  
Quando Augusto a seu lado assenta Horacio.  
Da Latina Republica a grandeza  
Com seu saber o portentoso Tullio,  
Mais que Cesar co'as armas, dilatava.

Luz, que tanto brilhou, depois mais clara  
Do Decimo Leão no Imperio eximio,  
Quando o Segundo Julio ás Artes abre  
O Templo, que até alli fechárão Godos.  
Quando no Tejo as portas d'Oriente  
Ditoso Manoel forçar podéra,  
Dando a vêr ás Nações mais largo o Mundo,  
Dando nomes ao Mar, limite á Terra.  
A luz, que a França vio brilhar mais pura,  
Quando o Grande Luiz subíra ao Throno,  
Que eterna Fama, eternos monumentos  
A' grão roda dos seculos deixára.

Dictando as condições da Paz, da Guerra,  
A' Oliveira pacifica enlaçando  
Da victoria alcançada eternos louros,  
A Frente enramará sua, e do Vate,  
Que o nome do Monarcha aos Ceos erguendo,  
O seu tambem na Terra immortalisa.

F I M.

## DECLARAÇÃO.

ESTE Poema, muitas vezes interrompido, e muitas continuado com longos intervalos, foi concluido no principio do mez de Maio deste anno de 1830. Vai todo escripto pela minha propria mão, e he minha vontade, como ultima disposição, que este Original fique para sempre depositado na Bibliotheca do Real Mosteiro de Alcobaca, pela veneração que consagro á Congregação de S. Bernardo, e peço ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, e Esmoler Mor, que ao presente he o Senhor P. M. Doutor Fr. José Doutel, que assim o mande executar. Sitio de Pedrouços, junto a Lisboa, e lugar da minha morada, hoje 27 de Junho de 1830, aos 64 para 65 da minha idade. — José Agostinho de Macedo.

Certifico que esta he a propria letra de José Agostinho de Macedo, de quem recebi pessoalmente este Poema com a sua prévia advertencia. Desterro 2 de Julho de 1830. — Fr. Joaquim da Cruz, Procurador Geral da Congregação de S. Bernardo em Lisboa.

He verdade ser este Poema todo escripto por José Agostinho de Macedo, o que affirmo por lhe conhecer perfeitamente, e ha muitos annos, a sua letra, e a ter visto repetidas vezes. Lisboa 2 de Julho de 1830. — Fr. Alvaro Vahia, Secretario Geral da sobredicta Congregação, e da Bulla da Santa Cruzada.

Deposite-se, e conserve-se com todo o cuidado na Livraria manuscripta do nosso Mosteiro de Alcobaca. Lisboa 3 de Julho de 1830. — Fr. José Doutel, Dom Abbade Geral, Esmoler Mor.

Reconheço os quatro sinaes *supra*. Lisboa tres de Julho de 1830. — Em testemunho de verdade — Luiz Heduviges Teixeira Machado.



